

ALFARRÁBIOS

2016©ssquerdosautorais

Fanzine Coletivo

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
a revisão dos textos publicados são da responsabilidade de seus autores

responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Números anteriores

<https://armazemdequinilh7.wixsite.com/armazemdeutopias/arquivos>

Niterói
Brasil

Adriana Mayrinck

Adriana Mayrinck, produtora cultural, fundou a empresa IN-FINITA, morou no Rio de Janeiro e Recife, e em 2017 mudou-se para Lisboa e divulga os autores brasileiros e portugueses, em seus projetos e eventos. Representante da União Brasileira de Escritores (UBE-RECIFE), faz parte da Academia Virtual da Língua Portuguesa, representando o Brasil, na cadeira OLGA SAVARY. Tem um livro publicado, participa em algumas antologias no Brasil, Portugal e Suíça.



Re-canto

É mais do que um encontro, no meio das esperas

É mais do que um desejo a realizar

Não é fugaz

Não é só um momento

Não é só paixão

É o calor que aquece as horas

É a sintonia que completa, espaços

ALFARRABIOS IX

É o olhar que se aprofunda e encontra reflexos

É a luz que guia e clareia os instantes

É a melodia, no canto dos pássaros

É a profundidade e calma dos oceanos

É o despertar do tempo que chegou

É o querer em brasas que renasce, em chamas

É o dia contado em eternidades,

É a alma que pousou

É a palavra amor, com significados

É unicidade e completude

É o jardim, que atrai borboletas

Espalha perfumes e chamamentos

É o meu corpo,o teu recanto

que abriga, acolhe, aconchega

E te faz voar !

Adriana Mayrinck

ADRIANA MAYRINCK

In-contida

O lado de dentro Dela. Borbulha.

Os caminhos são percorridos por lava incandescente.

Vermelho vivo.

Transborda pelos poros, sentidos.

O pulsar latente, sufoca a alma que busca saídas.

Labirintos.

A palavra está em carne viva, e já não há mais o grito.

São sussurros, contidos.

Joga-se no espelho do Outro, e sem reflexos recua.

Ela precisa ligar as palavras, fazer sentido.

Traduzir-se, mas como? Se só sabe ser mulher.

Ecos, desertos, silêncios, ventos.

Isso se explica por si só.

Mas ele quer artigos, preposições, entendimentos.

Ela percorre caminhos, nas entrelinhas,

decifrando enigmas.

Incompreensível.

Simples seria uma rima, quando o lê o compreende.

Mas assim tão exposto, a céu aberto,

parece pássaro em vôo , inalcançável.

O olhar se perde no horizonte,

nos entendimentos, nas percepções.

Respira profundamente e se joga na maresia.

Ela tem a alma exposta, aberta e arde.

Funcionária pública, escritora. Teve um conto selecionado para a Antologia Novas Contistas da Literatura Brasileira, da Editora Zouk em parceria com a Casa da Mãe Joanna.

É autora do blog cultural www.mardevariedade.com.



A dança

- Dá licença. Você aceita um pedaço de abacaxi? Está fresquinho. Acabei de comprar ali na barraca.

Lorena volta-se para aquele homem, um pouco surpresa. Estava entretida olhando para o mar, tentando não pensar em nada.

- Oooi. Ah não, obrigada.

- Está docinho. Estou vendo pelo seu sotaque que você é carioca.

- Deu pra notar?

- Deu sim. Esse “s” com chiado... a gente percebe logo.

- Você é daqui de João Pessoa?

- Estou morando aqui há cinco anos, mas sou de uma cidadezinha do interior de Sergipe.

- Veio a trabalho?

- Na verdade, estava sem trabalho na minha cidade. Um conhecido me indicou para um emprego aqui. Trabalhei como jardineiro um tempo, depois consegui trabalho como garçom de um buffet de festas. Estou lá até hoje.

- Ah que bom.

- Você faz o que lá no Rio?

- Sou professora de Geografia.

- Você veio sozinha?

- Não, com duas amigas. (Lorena não quis dizer para um desconhecido que estava sozinha).

- Já passeou muito aqui na cidade? Posso te mostrar os pontos turísticos.

- Eu já fiz um “city tour”, mas obrigada.

- Já foi no forró do Geraldinho?

- Não.

- Então, vou ter que te levar lá. É um forró muito bom. Só os locais é que conhecem. Turista não vai lá não. Qual seu nome mesmo?

- Lorena. E o seu?

- Jeremias. Me passa seu whatsapp.

Lorena acabou passando seu número.

- Eu tenho carro. Posso te buscar no seu hotel. Suas

amigas também podem ir, se elas quiserem. Não quero incomodar... mas garanto que você vai se divertir.

- Ah tudo bem. Pode me pegar no hotel das Flores. Que horas começa lá?

- Fica bom bem tarde. Te pego por volta de 21:00. Está bom? Dá tempo de comer alguma coisa antes da dança.

- Fechado.

- Então vou indo. Passo para te pegar, Lorena. Até mais tarde.

- Até!

Devo estar ficando louca. - pensou Lorena. Nem conheço o cara. Ah mas estou aqui aberta a conhecer novas pessoas e me divertir.

Às 20:45 Jeremias mandou uma mensagem pelo whatsapp, avisando que estava a caminho, bem perto do hotel, mas que Lorena não precisava se apressar, caso não estivesse pronta.

Lorena respondeu que já estava pronta, e que suas amigas tinham outro compromisso naquele dia, então, só ela iria.

Jeremias estava bem arrumado e perfumado. Lorena não tinha reparado que ele era bonito.

Lorena colocou um vestido apropriado para dançar forró. Estava animada.

- Boa noite, Lorena.

- Boa noite, Jeremias.

- Preparada para dançar muito?

- Preparadíssima. Não sei dançar tão bem, mas se você souber me conduzir, consigo me sair razoavelmente bem.

- Ah tenho certeza de que você vai dançar muito bem.

Lorena estava impressionada com a educação e a pontualidade de Jeremias. Não que uma pessoa mais simples não pudesse ser educada, mas Lorena estava acostumada a sair com empresários e pessoas da alta roda da sociedade e não havia ainda conhecido melhor pessoas de outras classes sociais. Fazia uma ideia errada sobre elas.

Viajou com o espírito aberto a conhecer novas pessoas, sem amarras e preconceitos de quaisquer tipos. O último relacionamento tinha deixado marcas. Queria ficar um tempo sozinha, o que não a impedia de conhecer pessoas interessantes.

Conseguiram uma mesa na Casa de Forró do Geraldinho. Jeremias tinha conseguido a reserva, pois era freguês antigo da casa.

- Lorena, hoje você vai comer uma comida nordestina maravilhosa: galinha caipira. Você gosta?

- Gosto sim.

- Você vai gostar muito da comida daqui. Depois, vamos dançar.

O prato era muito caprichado. Veio uma travessa de galinha caipira, com arroz, batatas e aipim.

- Está gostando, Lorena?

ALFARRABIOS IX

- Está delicioso!

Lorena estava se deliciando com o prato. Gostava da comida carioca, mas amava a comida nordestina.

- Daqui a pouco, a gente vai dançar, hein. Não come demais. Brincadeira. Come à vontade.

Passado um tempo, começou a tocar asa branca.

- Essa a gente tem que dançar. Vem comigo, Lorena. E a puxou para dançar com ele.

Lorena começou a dançar de forma tímida, depois foi se soltando. Começou a gostar do gingado de Jeremias.

Ele apertava o corpo de Lorena contra o seu. Lorena estava gostando da dança e dos “apertos” de Jeremias.

Então, seu telefone começou a tocar muito, ela sentiu ele vibrar na sua pochete.

- Jeremias, vamos dar uma paradinha para eu atender o telefone, ok?

- Tudo bem, Lorena. Daqui a pouco a gente continua.

A música estava muito alta, então, Lorena se afastou de Jeremias e de todo aquele barulho para atender à ligação.

Quando foi atender, a ligação caiu. Olhou o número no visor. Era de seu ex-noivo.

O que será que ele quer comigo? Que saco! Não vou retornar. –pensou Lorena.

O telefone voltou a tocar.

Lorena acabou atendendo. Seu coração estava disparado. Seu ex-noivo tinha terminado o relacionamento de repente, alegando ter conhecido outra pessoa. Lorena ainda estava muito magoada.

Após 20 minutos de conversa, Luís convenceu Lorena a dar uma oportunidade para que ele se explicasse melhor sobre o que tinha acontecido. Falou que estava arrependido e que queria uma nova chance.

Perguntou o que Lorena estava fazendo. Ela disse que estava dançando forró com um amigo. Ele disse que aquilo não combinava com ela. E que ela não devia dançar com qualquer um.

Marcaram de conversar pessoalmente no Rio.

Lorena chamou um táxi e voltou para o hotel, sem olhar para trás.

- Seu José, o senhor viu aquela moça que estava comigo? -perguntou Jeremias.

- Eu a vi entrando no táxi e indo embora. Ela não te avisou?

- Ah claro. Avisou sim. Eu é que já devo ter bebido demais.

é geminiana de Niterói, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



**É urgente
Tem um viciado em conflito que mora perto do meu diafragma e dificulta a deglutição.**

Não sei o q tá acontecendo. Escrevo uma e apago mil. Sabe o medo da rejeição, do fim, da perda? te faz nem tchum. Te faz couraça; defesa, força demais trinca. Fissura. Desgasta. Te deixa com os ombros nas orelhas. Te faz veia saltada na testa. Te brinda bruxismo. Rouca depois dos carnavais. Te faz cansaço dos sábados gastos de evitar desgastes. E só; as 3:26 am. O medo da rejeição te diz imperfeições, desgostos, fragilidades. O pavor de errar perante olhos sedentos te descaminha as passadas de luz. Namora com Ego e te constrói amante servil. Devota. Impressionada demais com suas impressões. Rio turvo. Dia cinza. Cheiro de CO2 ao amanhecer buzinando cacarecos e sobras dos amores q enjoam de amarem em paz.

escrevo de canetinha na geladeira que é pra não perder o prumo e desembestar a falar

a exigência atrasa muito... todos os dias junto os pedaços. Não saio de casa enquanto faltar um.

A memória imaginativa e a autoficção: O cheiro de óleo queimado daquele Del Rey dourado que me buscava pós-lusco-fusco na saída do Taurus no bairro do Ponto Cem Réis. A escola onde estudei chamava-se Taurus. O passeio na Venda da Cruz só para ver o carro do Doctor Bigodè. O pão quentinho da padaria da esquina do Largo de São Jorge, o óleo queimado perfumando os cabelos até o café me fazer amar tudo de novo outra vez.. O fim da tarde. O fim dos tempos.

E aquele Del Rey dourado de cheiro enjoado.

O corpo é meu carro de fogo que subiu Elias aos céus sem a experiência da morte. O corpo é autocurável. A mente sua comandante. Nos ossos o elemento terra criando o sangue do EU SOU tem poder, esse líquido carmim e riacho desse povo todo dentro de mim. Pés e mãos, essas varinhas mágicas, o Belo e a função, movente ser pensante, vidente mercuriano, oráculo do sistema nervoso central - nossa herança do Reino Vegetal. Meu corpo meu Espírito Santo. Meu corpo Deusa manifestada. Meu corpo a boca do inconsciente. Meu corpo o retorno à casa do Pai.

Verdade seja dita: tudo arde na boquinha da garrafa! Deixa arder que o bom mesmo é se permitir. Amo o centro do Rio

o que mata é a poluição. Paca, tatu, São Paulo nunca. É o mar. O mar purifica a cidade. É o sol. O sol nos deixa vivos. Suor tirando as toxinas. Meu corretor sumiu ando assumindo quase tudo. Ainda escondo as vergonhas do medo da solidão e do fim. De ser alguma paixão de mim mesma em algum universo para dentro de mim. Primeiro em cima das próprias pernas. Depois dançarei muito por aí... Antes de mais nada suficiente demais para não andar tão precisada. É a fé. Não falta nada.

Conviva por um mês sem ter que presenciar variações de humor, opinião, gostos, crenças... Não se encontra mas te perde no olho do buraco negro. Só é saudável para dias que tem fogos no céu. Quem aguenta tanto desdobramento? Tem os que nada sentem e os que sentem demais. Prisão demais. Silêncio demais. Bubbalo banana um chiclete cheio de sabor tem quase o mesmo clima onde opera minha mente. A culpa te suspende do espaço-tempo por segundos. É como um rio violento com superfície zen e seus sumidouros arrancam árvores. Na era dos toys cibernéticos fiquei presa a uma montanha-russa. Emoção demais envelhece. Me disfarço de Maso mas sou Sado. Assumo a porra toda pq tenho preguiça de mentir. Prefiro abdominais. Calculista porém servil. Chega de fotos! Abaixo a Era da pirigete psicótica!

**Vocês não param de nos matar.
Quanta INVEJA da nossa natureza!
Quanto ciúme da nossa intuição!**

Na Era da idolatria imaginação

se torna alucinação.

**Não aguento mais ser inquieta;
acho que vou dar uma trégua.**

Enquanto tomo meu chope na nave mãe...

grito em um berro solto: confiem na intuição todo o resto é nada diante da eternidade. Só quero se for do bom. Só quero se for do bem. Acabando logo com as fantasias infantis, esse lance de meu Deus isso seu Deus aquilo não é fé. É ego!

Andreia Maraglia

Psicóloga, especialista em
psicologia clínica, amante
da vida.



O mar

Sentava-me à beira do mar num canto ainda sossegado do Rio de Janeiro. Era noite de um lindo domingo, mas sem vivacidade. Comecei a observar um homem numa posição de yoga na areia da praia. Apoiava-se numa canga estendida e fazia movimentos precisos que pareciam pensar por ele. Imaginei seu corpo como o de um gato se espreguiçando. Presumi que ele pudesse estar hedonisticamente aproveitando o êxtase experimentado pelo animal no ato de estimular o corpo. Ele fazia isso na frente do mar e, terminando seus exercícios, mergulhou e nadou vigorosamente por muito tempo. Pensei que ele poderia estar experimentando muita liberdade neste momento. Liberdade oferecida pelo mar. Imediata-

mente surgiu-me o desejo de escrever esta crônica. E começo por tomar o mar como uma metáfora da liberdade.

Os mares e oceanos ocupam um espaço de aproximadamente 362 milhões de quilômetros quadrados com grande profundez. A liberdade também é assim. Pode ser extensa mas exige profundidade e respeito. Clamamos por liberdade em todas as esferas e tempos da vida. Quando crianças, ao alcançarmos a capacidade dos primeiros passos, não compreendemos ainda a dimensão do feito. Não sabemos andar mas ousamos ir em frente: caindo, tropeçando, levantando, caindo de novo e finalmente, passo a passo, vivenciamos alguma consciência do desconhecido.

Em outro tempo, já de pé, o humano começa a descobrir o mundo. Com as mãos e usando o aparato de movimento já mais amadurecido, o bebê manuseia com mais facilidade tudo o que o rodeia: pequenos móveis, tapetes, brinquedos, tomadas e muito mais. Seu universo situa-se, na maioria das vezes, na residência. E dentro deste significativo e pequeno universo vai experimentando, por força da natureza humana, as primeiras sensações de conquista, liberdade e medo.

Estas sensações caminham passo a passo quando também experimentamos a fala. A capacidade de articular linguagem nos oferece uma ferramenta poderosa para dar conta de nossos desejos e comunicá-los ao outro. A criança começa a usar a linguagem para pedir comida, para fazer birra por não ter podido alcançar algum brinquedo, para expressar amor, dor, medo e insegurança. A expressão de sentimentos por via da fala facilita sua vida daí por diante até a morte. Mas é aí que o “bicho pega”, expressão muito apropriada usada pelos cariocas. A fala pode libertar mas também aprisionar. Liberta na medida em que funciona como ferramenta para a comunicação e aprisiona quando, o que é proclamado sobre nós, vira sentença. O caminhar e o falar parecem funcionar

como um impulso para descobrirmos os universos antes desconhecidos. Um anseio de liberdade quase sempre em negociação com o medo. E assim caminhamos por toda a vida até o momento do definitivo repouso.

Agora vamos nos transportar para a frente do mar, ou melhor, imaginemos que agora estamos diante do mar pela primeira vez. Olhando aquela imensidão aquática e pensando o que pode haver ali, submerso. Sentimos desejo de mergulhar, sabemos nadar, sentimos vontade de esticar o corpo para frente e para os lados, embalados pelo suave barulho das ondas. Experimentamos uma vastidão de sentimentos ambíguos como o prazer de avançar pelo oceano aberto e o temor do desconhecido. Sentimos então prazer e medo. Prazer pela possibilidade de nos libertarmos do peso de nosso corpo, circunscrito ao apoio dos pés fixados na terra e medo pelo que pode existir na profundidade do oceano vasto e livre. O encontro com a possibilidade de liberdade é assim, como um homem na frente do oceano: pode sentir-se livre ao adentrar nele, mas precisa ter responsabilidade para acatar o desconhecido e preservar a vida.

Libertar-se é um exercício de força. Força para conversar com a angústia inexorável que nos habitará sempre nos momentos de escolha e decisão. Os poetas libertam-se pela via da palavra que despertam sentimentos. Os atores pela incorporação vasta de poderem viver outras vidas e estarem em outro alguém. Os filósofos pela vastidão da compreensão do pensamento humano, que é como um mar bem fundo a ser descoberto. Os cientistas por construir conhecimento para melhorar a vida humana. Os músicos quando caminham pela matemática libertadora e sensível do som. Os profissionais da saúde quando acolhem o corpo e alma para oferecer cuidado. E todos nós, ainda valorativos mortais, quando experimentamos buscar sentidos autênticos e desacorrentados para nossas existências.

Meu mergulho termina por aqui com as palavras de Osho:

“Dizem que antes de um rio entrar no mar, ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada que percorreu, para os cumes, as montanhas, para o longo caminho sinuoso que trilhou através de florestas e povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto, que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. O rio precisa de se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entrar no oceano é que o medo desaparece, porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas de tornar-se oceano.”

Andreia Maraglia

Constança Lucas



A poeta e artista visual, nasceu em Coimbra (POR), morou em São Paulo (SP) por 3 décadas e vive em Campo Grande (MS). É mestre e doutora em Artes pela ECA/USP e professora de Artes Visuais na UFMS. É autora dos livros “*Poesia use várias vezes ao dia*” (ed. Patuá, SP, 2014), “*Superdicas sobre arte*” (Editora Saraiva 2015), tem realizado exposições individuais e participado de mostras coletivas em diversos países.

Nesta edição de Alfarrábios a autora luso-brasileira nos envia uma série de seus desenhos em carimbos utilizados em suas criações de Arte Postal. Segundo ela, “a presença de carimbos na Arte Postal remete ao registro de tempo e ou comentário do conceito proposto para ser veiculado nos trabalhos de Arte Postal. A PAZ é um conceito que difundo na maioria dos meus trabalhos, assim como a delicadeza, a gentileza, animais, árvores e objetos do cotidiano, que trazem ideias relacionadas à PAZ.”

<https://artepostalpelapaz.blogspot.com.br/>

<http://constancalucas.blogspot.com.br/>

Carimbo 1



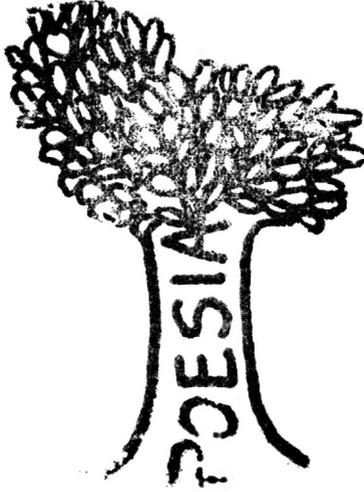
Carimbo 2



Carimbo 3



Carimbo 4



Carimbo 5



Hilário Francirone

Natural da capital do Estado de São Paulo e radicado em Niterói/RJ desde os 10 anos de idade. Membro titular da Academia Niteroiense de Letras, licenciado em Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e jornalista com registro 36682/RJ, sempre trabalhou em áreas administrativas do serviço público, até aposentar-se, em 2009, pelo Tribunal de Justiça/RJ, onde exerceu o cargo de Analista Judiciário.

Possui os cursos de Letras, Formação em Psicanálise Clínica (IBPC), criação literária, dramaturgia com ênfase em roteiros (Curso José Louzeiro de Dramaturgia), Formatação de Roteiros - Master Scenes – curso ministrado pelo roteirista inglês Hugo Moss, e sua obra compreende crônicas, contos, novela, poemas, peças para teatro, ensaios, humor, Haicais, literatura infantil, argumentos com roteiros para curtas- metragens e assina a coluna “A Psicanálise no Divã” no Jornal Santa Rosa, Niterói/RJ.



Teu cheiro

H. Francisconi

Não sou digno de que teus lábios,
pelo meu amor,
vibrem febris e umedecidos,
mas deixarás em mim o teu perfume de sedenta
flor
e flores e jardins de todo o mundo
já serão jardins e flores esquecidos.



O homem e o poeta.

H. Francisconi

O homem, porque deseja,
não quer o sonho do poeta
que dá cor ao sonho que ele quer.

O poeta esculpe a mulher
nos sonhos;
o homem, para além dos sonhos,
cinzela em vida os sonhos
da mulher.

ALFARRABIOS IX

Mas tanto o homem que deseja
como o poeta que dá cor ao que ele quer
sonham a mulher que almejam

porque o poeta está no homem
que sonha
e o homem, no poeta que deseja
o sonho que ele quer.



Prumos

H. Francisconi

Na ponta do lápis à espera do que eu fale
Na ponta do falo à porta do abismo
No ponto em que se lida com a ponta da língua
Na ponte entre pontos no ponto que nos cabe
No ponto que se lambe da parte de quem sabe
No porto de quem fica na parte que lhe cabe
No ponto em que se cala a ponto do suicídio
Na porta que se abre no ponto do equilíbrio...

João Ayres

João Ayres é poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em Niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias e Gramática do Crucial Desespero.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY B AND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias

Histórias para nenhum boi dormir {no prelo.

Arte, Palavra e Pensamento.

Fragmentos Insidiosos.

1 Não encontro mais o lugar de onde falo. Estas incertezas já tomaram há muito minha alma de assalto.

As palavras que agora transitam no além do abandono das horas. Esta forte afecção que me remete ao destino da espécie ao imitar a morte.

Peço à minha mente um pouco de ordem para que a mesma não sucumba de vez.

Procuro intensamente meu reflexo no espelho. O outro que se anuncia quando me vejo na ilusão das formas.

A criação obscurece meus sentidos. Frente à imensidão do cosmos, estou ainda menor do que minha própria sombra.

Nada pode ser descrito agora. Meus sentidos à deriva como se nada fossem.

Eis o que diz o vento:

2 Alguém em mim padece de forma singular.

Este algo que adentra a alma e me consome como o resto de meus dias.

Posso sentir o sangue coagulando lentamente nas partes vitais de meu corpo.

Sempre quando acordo, tenho a exata sensação de que estou próximo ao fim.

ALFARRÁBIOS IX

Uma torrente de imagens que desaba e então percebo a indigência daquilo que ecoa no silêncio do verbo proferido.

Não há diferença alguma entre um homem e um grão de areia:

Cuspidos ambos por um mal-estar qualquer do universo.

3 Os sons e as palavras.

Antes mesmo das palavras apenas sons indistintos a martelar a mente.

Um lugar anterior ao que possa ser dito por quem quer que seja.

Os homens sem eles mesmos. Fora de toda e qualquer ilusão na qual possam se ver como tais.

O som em sua ausência absoluta, inebriante como o vinho, tão ou mais onisciente do que o além.

Só nos resta isto que possa parecer o que é:

Esta clareira que se abre quando se está assim como está. Este algo que antecede os grilhões das formas e imagens.

Os sons e as palavras:

Ambos agora a escorrer como as águas de um rio.

4 Nada vejo quando estou só.

A escuridão me lança de encontro ao abismo do insondável.

Compreendo o incompreensível quando estou próximo à desintegração de meu nome.

ALFARRABIOS IX

Não há mais nada a ser dito quando a mente titubeia nos corredores do desterro.

Estou exatamente na distância inexorável entre as palavras e as coisas.

Cada vez mais estranho e frio como um morto.

5 As intrigas de Nero agora me são indiferentes.

Aproximo-se de Tácito neste sentido.

O envenenamento de determinados senadores assim se apresenta como uma vontade dos Deuses.

Parece legítimo, entretanto, o registro dos mesmos.

Sêneca e sua imperturbabilidade quando do fim de seus dias.

Sua negação da vida pública em prol do isolamento reflexivo. A quietude como conquista primordial do pensar. O espírito atormentado dos proscritos.

6 Nunca soube nada acerca do que me diziam as palavras.

Sempre estive escuro no lugar qualquer no qual as coisas se esquecem de ser.

Para mim, o caminho é sempre aquele que se faz ao desaparecer bem em frente ao muro inesgotável do acaso.

Acordo e durmo tão frio quanto um verbo mal digerido nas entranhas corrosivas deste além que pulsa nas sarjetas de ocasião.

Corredores extensos percorrem estes meus gestos que se ausentam em minha alma combalida.

ALFARRÁBIOS IX

A imagem de um deserto repleto de rochas em sua instigante quietude.

A natureza brutal da África no deserto de Oran em seu visceral esplendor. O coração e a mente não podem agora se desviar de si mesmos. Não podem agora se desviar do homem.

Oran com suas ruas enlameadas e céu indiferente e mau gosto nas lojas de artefatos variados.

A sensação de solidão e de vazio que poucas capitais oferecem. Oran é um lugar no qual os homens as possuem.

Estão cada vez mais próximos de seu falta essencial, da angústia imperiosa que os arrebatam.

A imagem de um deserto na indiferença do infinito:

Nenhum lugar é suficientemente propício.

10 Não se trata apenas de afirmar que a existência precede a essência. Há muito pouca coisa numa observação desprovida de alma como esta.

Importa dizer, com a força de súbitas ondas, que tudo se faz a partir de um estar no mundo. Os sentidos aguçados e imersos na teia infundável da vida.

As essências voláteis atiradas no chão indiferente de nirvanas distantes. Nunca a partir das reminiscências poderemos sangrar indefinidamente em pensamento. Heráclito nos diz sabiamente que tudo é e não é. Do finito ao infinito. O fluxo inexorável das coisas.

Ser lançado ao mundo na perenidade da escolha. Este o maior tormento para os estoicos.

Esta febre e arrastar de correntes nos calabouços da memória.

7 Sócrates se foi pela palavra. As leis e os Deuses foram os substantivos através dos quais manteve a dignidade.

Seu estado de espírito tornou possível a intensidade de sua partida.

Sócrates caminha na direção da perda de um si mesmo.

É essencial que ele se vá para que o absurdo da ordem seja corroborado.

Sócrates enredado nos traços obsessivos em toda e qualquer fruição de sentido.

As palavras possíveis e longe de si mesmas no Críton.

Quem fala em Sócrates é uma alma que se desfaz como os dias e as noites.

8 A aparência é a cópia imperfeita e manifesta naquilo que comumente se chama de literalidade. Trata-se de um caminho ínvio, de algo misteriosamente perturbador.

Cabe ao intérprete desvelar a transfiguração desta falta que aguça seus sentidos na direção mesma de um despojar-se. A inconsciência é precisamente aquilo que lateja em toda e qualquer grande obra. Entre o desejo e sua interdição, uma voz ecoa nos corredores do impossível.

9 Albert Camus procura um silenciar em alguns de seus magníficos ensaios.

Não encontra nas famosas capitais europeias o seu lugar. Todas ainda demasiadamente barulhentas.

Camus na direção de um reencontro mental originário.

11 Para onde caminha o impensado?

Trata-se aqui de uma aporia. Não há solução viável para este tipo de questão. Não se trata ainda de tentar respondê-la através da afirmação de uma premissa por ela mesma. Estamos distantes das tautologias. Temos assim uma dificuldade lógica insuperável.

Trata-se aqui de uma questão originária.

O termo originário remete à noção de algo que não ocorreu e que não existiu antes.

Trata-se assim de uma falsa questão.

Para responder à mesma é mister que ignoremos todo e qualquer processo racional.

Os sentidos devem estar absolutamente fora de si mesmos. O inusitado conjugável em ouvir, ver, tocar, cheirar e sentir o gosto de coisa alguma.

Para onde caminha o impensado?

Este algo ainda mais singular do que o nada.



Jordão Pablo de Pão

Escritor. Produtor de Projetos, Atividades e Eventos Literários. Revisor de Texto. Professor. Gestor de Conteúdo e de Atividades Culturais. Filho de Isabel e Jordão, profundamente influenciado por Bethânia, Carmen, Clarice e Elis, amante da cultura popular brasileira. Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Agraciado com a Medalha José Cândido de Carvalho, da Câmara Municipal de Niterói. Colaborador de periódicos culturais, curador de atividades literárias e participante de diversos grupos da arte da palavra em Niterói (RJ).

Obras individuais: “O Mar do Meu Velho” (Ed. Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2018, livro), “Energia” (Ed. do autor, 2017, fanzine) e “Abre Caminhos” (Ed. Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2017, fanzine).

Acesse www.jordaopablo.wordpress.com



SE PUDER, NÃO GRITE

O mundo está muito confuso. As pessoas falam sem saber o que dizem, a atenção é carne de primeira a ser conquistada a qualquer custo, os limites do público e do privado já se desmantelaram até na educação básica. Vivo com medo de como as pessoas vão agir. Isso não é bom. Como bom frequentador dos espaços de Niterói, observo um grande número de pessoas que ainda confunde o espaço ser público com a possibilidade de transformá-lo no quintal da sua própria casa. É uma pena

Nossa cidade é uma das mais culturais de todo o país, com uma rede de espaços e projetos culturais que praticamente cobre todos os campos artísticos e ocupa regiões antes inimagináveis como locus de criação e de apresentação. É que a urbs cresce meio sem jeito, descontrolada, criando contornos que, por si só, já são cultura. Mas toda essa riqueza, essa diversidade passa a largo dos cidadãos, infelizmente. Não somos ainda, a grande maioria, criados e educados para ampliar horizontes - mas estamos melhorando.

Ainda vivemos sob a sombra do Ibope e das grandes empresas que mexem no subconsciente das massas. Sim, ainda são Marias que vão. Aí não se pensa em onde entra, como entra, no que está fazendo ali. Simplesmente o corpo se desloca, ocupa espaço. Aí a sala de exposições não preserva as obras, mas vira uma sequência interminável de perguntas até que a foto seja tirada - e normalmente não se gosta depois dela. O espetáculo de teatro infantil vira brincadeira que a criança quer participar e ama~e deixa criancinha subir no palco e atrapalhar meses de trabalho cênico. Ainda ri, bate

palmas e, claro, tira foto.

Deveríamos estar mais atentos ao nível que nossas escolhas alcançam, afetando, assim, a vida do grupo. Quando falamos alto em um ambiente cultural, desviamos a atenção da percepção macro da arte para o descontrole individual de um ser humano. Quando vamos a um espetáculo musical em espaço pequeno, não devemos berrar a música - estamos ali para assistir ao artista. Lógico que, muitas vezes, é irresistível cantarolar baixinho, e pode, baixinho. Em feiras, não se torne vendedor, negocie sem se tornar o centro das atenções. A arte deve brilhar. Ah, e subir no palco sem ser convidado, jamais. Mesmo que seja uma criança.



SENSO DE GRUPO

Anteontem fui ao cinema com meu marido assistir a “A Colina Escarlate”. Acomodamo-nos em lugares ótimos. Centro da fileira, no meio da sala, cadeira vazia ao lado. Como voltávamos de um casamento em que fiz a produção e a fotografia (tentei!), estávamos procurando aliar a vontade dele de experimentar aquele filme e a minha vontade de descansar e ficar com ele. Era para ter paz, era para ser paz.

Não contávamos com a educação daquela gente: ao lado daquela querida poltrona vazia, estavam duas pessoas que não paravam de tagarelar, comentando o filme e coisinhas de suas vidas (até então) particulares. Nunca assisti a

um filme com acompanhamento para cegos, mas tive uma parte desta oportunidade. Cada cena descrita subjetivamente e com destaques completamente pessoais. Destruindo a tensão necessária às obras de suspense, aqueles incansáveis mal-educados não pararam nem mesmo quando uma das pessoas da fileira da frente educadamente pediu silêncio.

Restou a mim, para não me estressar – porque eu não mereço e não adiantaria discutir a falta de civilidade que estava naquele ato –, rir. Eu ria entredentes daquelas idiotices que derramavam em todos que estavam naquela sala. Uma série de opiniões infundadas e de avaliações sobre a fotografia e o caminho narrativo do filme sem nenhum embasamento ou senso de ridículo. Eles gargalhavam e questionavam a obra livremente.

Saí daquela sala com a certeza de que se tratavam de duas pessoas que, confundindo liberdade de expressão com respeito às atividades dos outros, não entendem a maquinaria das experiências em grupo. Queríamos todos que eles calem a boca para que a recepção da obra artística não seja prejudicada. Ficar quieto em uma sala de cinema é elegante e muito consciente. Coisa de gente “phyna”.



Renan Santos

Minha caverna sideral

Cada um tem a caverna que mais se adequa ao seu estilo de vida e seu modo peculiar de pensar e ver o mundo. Este meu espaço particular está nas estrelas. É fácil de entender sendo astrônomo amador e astrofotógrafo. Tenho como paixão e objeto de estudo a imensidão do universo que serve como um pano de fundo para atravessar o portal para o meu recanto particular, minha caverna sideral.

A noite em meu observatório astronômico faço fotografias de planetas, estrelas, nebulosas e vou me misturando nos pensamentos, tentando “Ouvir Estrelas” e me deparando com diferentes significados e proporções, tendo a dimensão do quanto sou apenas um ínfimo ponto no universo e opo-sitalmente o quanto sou tudo, pois nada disso existiria sem um observador.

Sou feito de pó de estrelas. Um indivíduo pensante dentre 7 bilhões de outros indivíduos que coabitam em um planeta com aproximadamente 3 milhões de espécies classificadas, planeta este que orbita em torno de uma estrela chamada sol, que não passa de uma estrelinha dentre 100 bilhões de outras estrelas que compõem a Via Láctea, que é uma dentre 200 bilhões de outras galáxias que está em apenas um dos

universos possíveis.

Para termos uma idéia da dimensão do universo, quando você olha para o céu em uma noite estrelada você está olhando para o passado! O céu que você vê hoje não é o céu atual. Quando você olha para o céu você vê o passado dada a distância dos astros combinada com a velocidade da luz.

Minha caverna sideral me leva a perceber que sou um indivíduo com minha própria forma de pensar e me posicionar perante a vida, elaborando meu destino em meio a minha pequena fração de existência neste universo tão cheio de possibilidades.

Me permito acreditar que Olavo Bilac tinha uma caverna bem parecida com a minha, pois segundo ele, só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e entender estrelas.



Ouvir Estrelas

Olavo Bilac

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo,
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite,
enquanto a Via-Láctea, como um pálido aberto,

ALFARRABIOS IX

Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.



Renan Santos

Renan Santos



José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista



ANOTAÇÕES SOBRE O LIVRO A NÁU- SEA, DE SARTRE

As anotações que se seguem tomaram por base a versão em português editada em 2006 pela Editora Nova Fronteira S.A., a partir do original da obra em francês de Jean-Paul Sartre, *La Nausée*.

A obra de Sartre compõe um retrato da condição existencial do homem através do personagem Roquentin, pautada em anotações feitas por este em um diário de onde ressalta uma vida sem qualquer sentido, passada numa cidadezinha provinciana chamada Bouville.

O personagem chega a tal lugar após vagar por diversos países, com um frouxo propósito de escrever uma biografia sobre um certo Sr. de Rollebon, um ilustre e já falecido membro da aristocracia de Bouville. Escrever

sobre o Sr. de Rollebon, uma tarefa que Roquentin vai desempenhando com desagrado, é, de certa forma, uma artimanha para preencher o tempo do personagem. Mas o projeto será abandonado: “... um livro de história, isso fala do que existiu-jamais um ente pode justificar a existência de outro ente. Meu erro foi querer ressuscitar o Sr. de Rollebon” (p.220). Roquentin perde mais uma referência em sua vida quando no seu reencontro com uma antiga namorada, Anny, ele se vê irreversivelmente apartado dela.

Roquentin vive intensamente sua angústia e sabe que os expedientes e as ocupações do dia a dia nada mais são do que artimanhas para disfarçar esta condição. A família, os passeios dominicais, o enamoramento, tudo tem como única finalidade mascarar a angústia constitutiva do ser humano. Não há nenhuma razão para existir e, apesar disso, comemos e bebemos para conservar nossa preciosa existência (p.142). Ao contemplar um casal de jovens que almoça em uma mesa próxima à sua, reflete: “Estão à vontade... acham que o mundo está bem como está, exatamente como é, e cada um deles provisoriamente colhe o sentido de sua vida no outro. Dentro em breve constituirão uma só vida para ambos, uma vida lenta e morna que não terá qualquer sentido- mas eles não se aperceberão disso” (p.136). E prossegue: “...eles vão várias vezes por semana aos bailes e aos restaurantes, para oferecer o espetáculo de suas dancinhas rituais e mecânicas... Afinal é preciso matar o tempo. São jovens... dão tempo ao tempo, e não estão errados nisso. Quando tiverem dormido juntos, terão que descobrir outra coisa para encobrir o enorme absurdo de suas existências” (p.141).

O personagem está todo o tempo emitindo juízo sobre o Ser, em aguda consciência reflexiva. É capaz de viver a con-

tingência, a gratuidade e o absurdo do Ser: “Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso”. A náusea surge dessa revelação. É um sentimento que vai se desenhando já a partir das primeiras páginas do livro, se intensificando, até eclodir quando Roquentin está sentado em um banco num jardim público, ao contemplar a raiz de um castanheiro que se enfiava na terra por baixo do banco. Este é um momento chave na vida do personagem. “Roquentin percebe que não é apenas a árvore, mas o Ser da árvore que o incomoda. É o modo como ela está simplesmente ali, inexplicável e sem qualquer razão, negando-se a fazer sentido ou a se enquadrar em alguma coisa”, conforme descreve Sarah Bakewell em seu livro “No Café EXISTENCIALISTA” (OBJETIVA, 2016). E desiste de continuar a escrever a biografia do Sr. de Rollebon.

O conceito de náusea refere-se justamente ao sentimento experimentado diante do real, quando se toma consciência de que ele é desprovido de razão, absurdo. “O essencial é a contingência... a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar aqui; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los” (p.165). Roquentin crê que há pessoas que compreenderam isso, mas que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. “Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade, eu próprio” (p.165). A náusea, explica ele, ocorre quando nos apercebemos disso, sentimos o estômago embrulhar, e tudo se põe a flutuar. A náusea é constitutiva: “A náusea não me abandonou e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de

uma doença, nem de um acesso passageiro: a náusea sou eu” (p.159). Roquentin exerce agudamente a consciência reflexiva.

Ao final do texto, Roquentin, escuta repetidas vezes uma canção norte-americana, na qual uma voz de negra canta um estribilho *Some of these days; you´ll miss me honey* [Um dia desses você vai me perder, querido(a)] e se põe a refletir sobre o milagre que produziu a canção, sobre o autor norte-americano que a compusera, e que ele visualiza gordo e suarento diante do piano em seu esforço criativo, e se pergunta: “E por que não eu? Por que era preciso exatamente aquele bezerro gordo, cheio de cerveja imunda e de álcool, para que esse milagre se produzisse?”. Roquentin se dá conta de que é a primeira vez em anos que um homem lhe parece comovente, e que gostaria de saber alguma coisa sobre esse sujeito. Ao escutar pela última vez a canção, antes de deixar definitivamente Bouville, escreve: “A negra canta. Então pode-se justificar sua existência?” Só um pouquinho?” (p.221). Abre-se para ele uma possibilidade até então impensada. Poderia tentar, não através da música, não tinha jeito para isso. Seria um livro, a única coisa que ele sabia fazer. Uma história. “Seria preciso que fosse bela e dura como aço e que fizesse com que as pessoas se envergonhassem de sua existência” (p.220).

O livro “A Náusea” foi originalmente publicado em 1938. A possibilidade impensada concretizou-se, a existência do escritor teria então sido justificada “só um pouquinho?” Em 1964 o Prêmio Nobel de Literatura foi outorgado a Sartre, que o recusou, sob o argumento de que um escritor deve permanecer independente das instituições que concedem tais prêmios.

Nota: Sartre era um apaixonado pelo Jazz, pela música negra norte-americana, tendo conhecido alguns dos maiores ícones do gênero, como o saxofonista Charlie Parker e o trompetista norte-americano Miles Davis, que passou uns tempos em Paris, tendo convivido com o círculo de pessoas que gravitavam em torno do filósofo. Davis teve inclusive um caso com uma das frequentadoras daquele círculo, Juliette Greco, conhecida como “A Musa do Existencialismo”. Por fim, “Some of these days; you´ll miss me honey”, que dá um sentido, ainda que provisório ao personagem, é uma canção triste, melancólica, e que foi gravada por grandes intérpretes da música norte-americana, como Ella Fitzgerald, Bing Crosby e Bobby Darin. Especula-se que a versão que marcou Sartre foi a da cantora Sophie Tucker.

José Antonio de Carvalho e Silva
Set/2018

José Glauco Ribeiro Tostes

José Glauco Ribeiro Tostes,
Prof. Titular aposentado da
UENF (Universidade Estadual
do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro), no interior do Estado
do Rio

SÉC. XIX: FORÇA E FRAQUEZA DO MATERIALIS- MO HISTÓRICO DE MARX

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

O “Materialismo Histórico” [MH] de Marx tornou-se uma relativamente simples e monumental – no campo das Ciências Sociais – teoria da História Universal das “civilizações”, alguns anos depois de sintetizada em pequeno trecho de um texto marxiano de 1859. Parafrazeando o próprio Marx, o seu MH é como um “éter que vem banhando as Ciências Sociais”, dentro do background maior da atual fase iluminista **burguesa** da “civilização ocidental” e desde os primórdios do séc. XX, tornando-se um padrão referencial de teoria da história tanto para cientistas sociais – ocidentais e não ocidentais – marxistas, liberais (anti-marxistas, naturalmente) como para aqueles cientistas sociais que não se enquadram nessas duas grandes instâncias ideológicas. Conforme aprofundado adiante, seguindo-se Hobsbawm (1994), os ramos do capitalismo e do marxismo procedem (ao menos em parte) do **mesmo** tronco civilizatório europeu iluminista laico do séc.XVIII e se fundam ideologicamente (“visão de mundo”, “weltschaaung”) na **mesma** centralidade que concedem

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

à **economia** no capitalismo. Para o caso de Marx, mesmo fora dos limites temporais – para “trás”, no pré-capitalismo, e à frente, no pós-capitalismo – da presente economia planetária capitalista, ocorreria aqui, via MH, uma decisiva reorganização ou inversão “materialista” de prioridades: a base **material** econômica é que determinaria o próprio viés **imaterial** “ideológico” pelo qual se aborda, em termos **cognitivos** humanos, a própria base econômica. Esta base material gozaria, por sua vez, de uma independência objetiva, parcial ou total, em relação àquela atividade cognitiva; logo veremos esta discussão a propósito do MH de Marx.

De modo bem simplificado, a estrutura desta teoria (MH) descansa na relação entre os dois conceitos chave de:

***Infraestrutura** material econômica – centralidade histórica (passado, presente e *futuro*) da “caixinha” social (material) única da economia em termos da determinação de toda e qualquer outra “caixinha” social (imaterial) caracterizando a sociedade humana desde a agricultura primitiva; de um ponto de vista filosófico está aí afirmada a primazia de uma concepção *materialista* da “realidade social”, isto é, da primazia do âmbito do “trabalho” (relação metabólica de mútua transformação homem-natureza) sobre o “pensamento” ou as “ideias”, primazia do *homo faber* sobre o *homo sapiens*. Na antecipadora expressão (aproximada aqui) de G. Vico em meados da primeira metade do séc. XVIII: só explico ou compreendo o que fabrico.

De onde vem essa centralidade da “caixinha” da economia no MH em Marx? Um possível caminho explicativo: o jovem Marx captura, por volta de 1844 (com possível influência do

então jovem “inglês” Engels), a centralidade econômica (no **presente**) do capitalismo industrial-burguês nascente no séc. XIX (vide B. Santos, “Pelas mãos de Alice”, 1995). Marx estende então esta mesma centralidade tanto para todo o **passado** pré-capitalista (até onde possa se vislumbrar algum rasgo de “trabalho” na relação H-N) – o que em tese permitiria justificação *empírica* de tal hipótese histórica – como para todo o **futuro** pós-capitalista da humanidade (onde existiria, perguntamos, qualquer perspectiva de justificação *empírica* de tal hipótese futurista?). Marx e Engels acabam ainda vislumbrando **três** (nem mais, nem menos) grandes etapas ou fases desta história de um crescente *progresso* produtivo: comunismo primitivo (em pequenos aglomerados e, em seguida, a segunda fase, de exploração de trabalho, até onde estamos até hoje (o conjunto histórico desta segunda fase formaria a “pré-história” da humanidade, culminando no atual e universal modo de produção capitalista); finalmente, uma terceira fase com o advento futuro da universal volta do comunismo (“enriquecido” pela segunda longa fase), onde seria atingida a fase da “história” da humanidade. Essa hipótese de três grandes etapas da história humana tem suas raízes mitológicas na ideologia judaico-cristã (primeira etapa: paraíso primitivo original, segunda etapa: fase do pecado e terceira etapa: volta enriquecida, pela fase do “pecado”, ao paraíso) e foi também usada, de modo contemporâneo a Marx, por Augusto Comte; em síntese: este “mito dos três grandes estágios da história” é proveniente da ideologia aristotélico-cristã; parafraseando novamente Marx, tal ideologia é como que um “éter que banha a civilização ocidental”.

***Superestrutura** imaterial ideológica **não**-econômica – *toda e qualquer outra* “caixinha” – dada ou *possível* – carac-

terizando a sociedade humana: caixinhas política, cultural, filosófica, científica, religiosa etc. Não se discute agora, inicialmente, de maneira mais profunda, o alcance do possível papel da retroação (dialética) desta superestrutura imaterial (ou de alguma ou algumas de suas “caixinhas”) sobre a infraestrutura econômica. Basta apenas apontar, no momento, três grandes cenários possíveis de relação *infra-super* oferecidos a Marx e Engels: c.1) extremo da ausência absoluta de qualquer retroação da super sobre a infra: trata-se de um *mecanicismo materialista* (“**desdialetoizado**”) de “uma só mão”, muito mais aderente à cultura “newtoniana” inglesa do que à cultura “hegeliana” do idealismo alemão; c.2) o outro extremo de uma relação 100% recíproca, completa, de duas mãos, de ação e retroação perfeitamente simétricas, no circuito *infra-super*: trata-se de *circuito infra-super dialético completo*; mas aqui, note-se bem, a pretendida radical centralidade da infra econômico-material sobre a super político-ideológica-imaterial fica bastante amortecida (em outra oportunidade comentaremos este ponto); c.3) algum estágio *intermediário*, incompleto, de retroação apenas parcial da super sobre a infra: trata-se de um *circuito infra-super dialético parcial*. Nossa conjectura inicial é que Marx e Engels oscilaram entre cenários (c.1) – “inglês” – e (c.3) – “alemão”. Note-se que não há, em Marx e Engels, espaço possível para um quarto cenário filosófico, (c.4), onde ocorra apenas ação ou determinação da super sobre a infra, sem qualquer retroação sequer da infra sobre a super, que corresponderia a uma concepção puramente (e, portanto, “desdialetoizada”) **idealista** ou imaterial da “realidade social”: seria o reino das “ideias” que comandaria ou determinaria, exclusivamente, o reino das transformações “materiais”, o contrário exato do cenário (c.1) acima: por isso mesmo (c.4) é o cenário de um *mecanicismo idealista*. Já os críticos do MH de Marx quando

reclamam da “pobreza” da relação infra-super, o fazem em geral ao admitir o cenário puramente “mecanicista” acima (c.1) – isto é, *totalmente* “**desdialeto**” – como sendo aquele que teria sido *sempre* utilizado por Marx, sem lugar para qualquer outro cenário.

Conjecturamos que a força e, ao mesmo tempo, a fraqueza do MH marxiano provem da *mesma* fonte: a centralidade radical da economia, da “caixinha” exclusiva da economia, ao longo de **toda** a história humana. *Força* pela simplicidade daquela centralidade na teoria do MH, *fraqueza* pelo caráter altamente problemático dessa mesma centralidade, quando Marx procura empregar – desfazendo-se, supostamente, do seu caráter idealista hegeliano – o método **dialético** (de origem Heráclito-hegeliana; ver depois) de pensar a história humana, ou melhor, um suposto método **unitário** dialético de análise-síntese de **todo** o tempo histórico, da história **universal** e **progressista** da humanidade, através da crescente – de modo linear – **complexidade** da produção material (isto é, *econômica*) humana, apesar da profunda não-linearidade (às vezes caótica) na condução *política* de tal processo produtivo, via *luta de classes*, na “pré-história” da exploração de trabalho humano. Este caráter universal-progressista, como vimos acima, automaticamente supõe a **completude** temporal abrangente desta teoria filosófico-científica da história, que foi denominada (não por Marx, mas posteriormente a ele) de “MH”. Uma completude tipicamente oriunda da razão ou “civilização” **iluminista** do séc. XVIII, completude aplicada já no séc. XIX por Hegel, Marx, Comte, Darwin, etc.; e isto apesar do “romantismo não iluminista alemão” também estar presente no pensamento de Marx que bebeu nas “três fontes” dominantes da modernidade europeia avançada

da: a economia (newtoniana) *inglesa*, a filosofia (idealismo) *alemã* e a política (revolução) *francesa*, tal como afirmado por Engels, Lenin e Kautsky . Além do “éter, bimilenar, aris-totélico-cristão banhando a civilização ocidental”.

[NOTA 1 - O conceito de “civilização”, aquele especificamente emergente durante o trânsito do séc. XVIII para o séc. XIX, é um produto final da modernidade avançada do iluminismo **burguês** e, portanto, como diria Marx, é uma ideia dominante provinda, necessariamente, da classe dominante. Para um aprofundamento marxista deste ponto: T. Patterson, “Inventing Western Civilization” (“Inventando a civilização ocidental”)].

A partir do extenso parágrafo anterior já pode se aprofundar – via maior destaque do método **dialético** (mais pertinente aos cenários (c.2) e (c.3)) – o motivo que atesta, simultaneamente, a “força” e a “fraqueza” da hipótese central da teoria do MH: a centralidade materialista simples da “caixinha” da economia na estrutura geral da sociedade humana que atravessaria toda a sua história, inclusive a futura. Como levantamos acima, essa **mesma** centralidade infraestrutural pode ser inserida em ao menos três **diferentes** “cenários” (c.1), (c.2), (c.3) (de relação entre infra e superestrutura): já conjecturamos que temos aí um Marx “flutuante” entre (c.1) e (c.3); e, para completar tal quadro, temos uma clara rejeição marxiana de um quarto cenário (c.4; “idealista”) que enviaria totalmente de volta tal centralidade para o domínio da superestrutura. Aqui já temos um rico material para começarmos a trabalhar mais profundamente a tal “fraqueza” do MH marxiano pelo viés do instrumental **dialético** de análise-síntese usado por Marx (o que praticamente exclui o cenário (2.1)). Mais especificamente, isto tudo tem a ver com um pano de

fundo **confuso** de entendimento de tal método dialético por parte do próprio Marx; explicar este ponto específico é nosso próximo e último objetivo.

Marx, desde cedo, prometeu, como um projeto futuro, uma sistematização – de um ponto de vista **materialista** – do que se pode denominar de “**método dialético**”. Mas acabou não realizando tal projeto. Quem acabou por realizar uma tal possível sistematização, meio acidentalmente e com Marx ainda vivo, foi o chamado “último Engels” no seu “Anti-Duhring” de 1878 (complemente-se tal texto com a sua “Dialética da Natureza”, que foi publicada postumamente a Engels, nos anos 1920). Esta sistematização mereceu o rótulo – póstumo a Engels – de “**Materialismo Dialético**” (MD). Esta sistematização será o ponto de *partida* de uma pequena e esquemática contribuição nossa rumo a uma ampla atualização do “**Materialismo Histórico**” (MH) de Marx em um trabalho futuro.

Passemos então a presente crítica da utilização do método dialético por Marx no seu MH, que vai facilitar qualquer projeto futuro de atualização desta notável teoria da história. Em parte, por não ter construído a sistematização que desejava, Marx tornou-se algo *confuso* na mencionada utilização (daí, quando se trata de começar a tarefa de relacionar *marxismo e dialética*, sugere-se **não** começar por Marx, pelo seu MH, mas **começar** pelo “último Engels”, pelo seu MD). Vejamos então: problemas i) lógicos e ii) de causalidade, presentes no MH de Marx.

i) Em primeiro lugar Marx tende a cometer uma confusão – que parece bastante comum em quem lida com o método

dialético, talvez desde Hegel – entre “opostos **contrários**” e “opostos **contraditórios**”. Costuma-se usar em filosofia dialética (muitos dizem, em “lógica **dialética**”), sem maiores cuidados, o termo “contradição” entre dois opostos, o que a rigor deveria apontar para uma *violação* do Princípio (aristotélico) da Não-Contradição (PNC), fundamento da “lógica **formal**” ou “lógica **clássica**”; isto equivaleria, para falar em termos bem simples, a “dizer” e, **ao mesmo tempo**, “desdizer” uma mesma afirmação. Por exemplo, “Deus existe” e “Deus não existe”, ao mesmo tempo. O PNC, ao contrário, afirma que se um destes dois “opostos **contraditórios**” for verdade o outro (sua negação) **necessariamente** será falso. E vice-versa. Porém, boa parte das vezes ao menos, quando se utiliza pomposamente a expressão “opostos contraditórios” em filosofia dialética para enfatizar-se que esta filosofia **viola** o PNC, está-se querendo dizer “opostos **contrários**”, que *nada* tem a ver com qualquer violação do PNC. Vamos aproveitar didaticamente aqui, dentro do campo marxista, um exemplo padrão de opostos *contrários*. Trata-se de uma dentre uma série de críticas de Marx (1845) ao filósofo contemporâneo Feuerbach. Nessa crítica ele **opõe** uma afirmação de Hegel a uma afirmação de Feuerbach. E através desta oposição Marx afirma chegar a uma síntese “verdadeira” das duas afirmações **contrárias** e falsas, simultaneamente (note: aqui estamos totalmente *fora* do âmbito de qualquer violação do PNC). Feuerbach defenderia, para a totalidade do mundo humano, um “*materialismo passivo*” (uma infraestrutura material dada, “passiva”, diante das ideias e da vontade humanas, se usarmos a linguagem do MH). Esta primeira afirmação chama-se “tese” no reino da dialética. Já Hegel (numa simulação), defenderia, por **oposição**, um “*idealismo ativo*” (uma superestrutura imaterial – ideias, pensamento, “consciência”, “espírito” – transformadora, trabalhadora,

“ativa” face a base material humana, na linguagem do MH). Na linguagem da dialética teríamos uma negação da “tese” feuerbachiana: isto é, uma “antítese”. Segundo Marx, ambas, tese e antítese, seriam **falsas** aqui neste exemplo. Finalmente (estamos estendendo, por nossa conta, o pensamento de Marx nesse ponto), teríamos a etapa final de “síntese” dos dois opostos contrários e “falsos”: um “*materialismo ativo*”, restabelecendo a “**verdadeira**” relação infra-super do MH (aqui emerge o famoso e intraduzível – em termos simples – conceito hegeliano de “aufhebung”; deixamos a discussão deste ponto chave da dialética para outra oportunidade).

ii) Em segundo lugar, mesmo o “*ateu* mais famoso dos últimos 200 anos”, Karl Marx, acaba parcialmente mergulhado no “éter bimilenar da ideologia *aristotélico-cristã* que banha a civilização ocidental”, e particularmente “banha” então o seu próprio MH. E uma das influências mais sensíveis de Aristóteles (viveu por volta de 400 AC) no cristianismo está no conceito de “*causa primeira*”, aplicado, por excelência, ao conceito do “Deus cristão” como causa que não tem causa”, que “causa mas não é causado”, que é “*causa sui*” (causa de si mesmo), em síntese “causa **primeira**” (“criador”) de tudo o mais no universo, que (tudo) explica, mas não é explicado. Um “primeiro motor”, que tudo move, mas que não é movido. Vamos tentar explicar como este conceito penetra, de modo sorrateiro, no supostamente “100% laico” MH de Marx. E como essa penetração “contamina” a relação infra-super do MH, seja no cenário (c.1) *mecanicista*, não dialético, seja no cenário (c.3), parcialmente *dialetizado*.

***CENÁRIO (c.1):**

Neste cenário afirmamos que a dialética está ausente no que diz respeito ao circuito causal infra-super do MH. Apenas a in-

fra material econômica determinaria 100% a super imaterial político-ideológica. Não haveria qualquer sinal de retroação causal da super sobre a infra. Trata-se de um caso de **determinismo de ferro** da base econômica, sem sinal de qualquer vestígio de livre intervenção superestrutural política via consciência política, isto é, via luta de classes, sobre a infra econômica. Com isto, a base econômica tende a funcionar integralmente como uma “causa primeira” ou “fundamental” – dentro da suposta **totalidade completa** marxiana (vide acima) da relação infra-super – que move a superestrutura sem ser afetada ou movida absolutamente por ela. E sem, é claro, menção a qualquer outra causa “movente” externa (biológica ou pré-biótica, por exemplo) àquela totalidade. Este tipo de resíduo não laico, não secular, daquele “éter”, presente neste cenário (c.1) de uma teoria que hoje seria arrolada na área **científica** das “ciências sociais”, também aparece em teorias das ciências naturais como as da física moderna, em particular na área central das *três mecânicas*. Em outra oportunidade, aprofundaremos tal assunto.

*CENÁRIO (c.3)

Repitamos aqui o que dissemos sobre os cenários “dialetizantes” (c.2) e (c.3):

“c.2) uma relação 100% recíproca, completa, de duas mãos, de ação e retroação perfeitamente simétricas, no circuito infra-super: trata-se de *circuito infra-super dialético completo*; mas aqui, note-se bem, a pretendida radical centralidade da infra econômico-material sobre a super político-ideológica-imaterial fica bastante amortecida (aprofundaremos este ponto em trabalho futuro);

c.3) estágio incompleto, de retroação apenas parcial da super sobre a infra: trata-se de um *circuito infra-super dialético parcial*”.

Como já dissemos só temos interesse aqui no cenário **(c.3)**: conjecturamos que seja afinal algo deste cenário – e não de (c.2) – que Marx extrai uma relação teórica “dialética” entre infra e super para seu MH. O cenário (c.2) – que supomos **integralmente** dialético – só nos interessa aqui como um contraste com o cenário (c.3) que supomos **parcialmente** dialético, mas que supomos adicionalmente que, conscientemente ou não, foi a relação infra-super efetivamente usada por Marx com “sabor” dialético, na sua flutuação entre (c.1) – cenário “mecanicista” – e (c.3), dentro de sua teoria do MH.

O que quer dizer “**parcialmente** dialético” em (c.3)? Respondemos por contraste com cenário (c.2), **integralmente** dialético, o qual a nosso ver só pôde aparecer a partir do “último Engels” de 1878: aí destacamos uma das três “leis” do MD de Engels: “**a interpenetração dos opostos**”. Os “opostos **contrários**” aqui são a infraestrutura material econômica” e a “superestrutura imaterial político-ideológica”. Defendemos que essa mútua interpenetração é completa, em (c.2), para ambos os opostos. Dito de outro modo: em (c.2) não há mais uma infraestrutura **material** totalmente isenta de seu oposto, uma superestrutura **imaterial**, e vice-versa. Então não há lugar para uma estrutura “material” econômica **sem** resíduo algum daquele seu oposto “imaterial”; e vice-versa. Temos aí então o que denominamos acima de “circuito infra-super dialético completo”. Aqui desaparece também qualquer resíduo de uma causalidade **puramente** infraestrutural econômica do tipo causa primeira aristotélico-cristã, certamente não laica, neste circuito. Qual o pesado “preço” a se pagar nesse caso? Que vai recair sobre o último Engels! Não há mais um oposto “puramente material” e outro “puramente imaterial”. Isto ameaça a separação “sagrada” ao menos para Engels entre **materialismo e idealismo**, uma separação

que **não** admitiria interpenetração dos dois termos opostos! Interpenetração esta que, no entanto, deveria, em Engels, ser **universal!**

Voltando a (c.3), que é central neste presente texto, por contraste, vemos que há nesse cenário **alguma** interpenetração entre os opostos infra e super; somente essa interpenetração parcial pode dar conta de algum resíduo da livre vontade **política** humana retroagindo e co-determinando algo em “baixo”, na própria infra **econômica**. Por exemplo: usando uma metáfora de Marx podemos “atrasar ou retardar as dores do parto” de uma revolução que vai alterar um modo de produção econômico. Alguma coisa na infra econômica foi interpenetrada pela super política para dar conta de “retardo ou avanço” na infra; mas alguma outra coisa, **não!** Neste último caso – por exemplo – o progresso linear das forças produtivas continua **não** dependente da vontade política humana, mantendo a “precisão das ciências naturais”, segundo a expressão de Marx. Então, tal progresso inexorável das “forças produtivas”, não entrando no circuito dialético infra-super, faz com que tais forças continuem com se papel “mecânico” de **causa primeira** na determinação da superestrutura pois aqui não há retroação alguma, humana, desta última sobre a infraestrutura.

Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.
www.marcovalenca.com

Marco Valença

ALFARRÁBIOS IX

GENTES

não se pergunta
o que é melhor para um
já sabemos que entre nós
toda alegria é comum

por isso o brilho nos olhos
e o ser e o estar
sem ter erro algum

por isso poder se cansar
e depois descansar
piscar cílios dos olhos
sem ciscos e sem rumos

e gargalhar
e gargarejar
todos os risos
e sumos

pra nós
entredentes só línguas
em nós
entre pernas o ardente

não perguntamos
o que é desmando
o que é pecado
o que é prudente

marco.VALENÇA.

21.06.2018.

A TODA BOCA

ouvindo as palavras abertas
vendo a boca que projeta
o som que ressoa
e voa
pra nunca mais

até quando redeviva
a boca inventa outras
escravas razões e metas
nunca à tãa

nem filósofa ou por ideologia
a boca e sua língua
dá a todos a poesia
a coisa boa

e transfere sem ironia
o que não mais cabe
no coração
este, frágil a
hipocrisias

marcoVALENÇA.

20.09.2018.

SAÚDE

um brinde à vida comum
em dias especiais
quando é champanhe
e não rum
quando o espírito inspira
os corpos em seus espirais
quando uma mão
leva à outra
e a prazeres ancestrais

marco VALENÇA.

21.06.2018.

ALFARRÁBIOS IX

POUCA BOCA

o amor me cega
a boca seca
e as palavras
são os únicos caminhos
que me ouvem
me observam

para saber
com desconfiança
o que depois
eu vou fazer delas

confesso que já xinguei muito
não pelo outono
mas por que ele inverte

já me esqueci
de cada ditado falado
provérbio sacramentado
me exilei
de seriados e novelas

pois é
mas ainda hoje
o que me mais vale e pesa
são as palavras
que vomitei singelas

quando a boca é pouca
e o amor esperma

Renata Barcellos

Pós-doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ. É membro do CIFEFIL, da ALAP, da APALA, da UBE, da AJEB/Rio... É coautora da Gramática contextualizada (2016) e de antologias e autora do Itens de análise linguística no novo ENEM e no Saerjinho, de Alma Dilacerada, de Barcellos: prosa e verso com participação de Lucien Gilbert e de Barcellos e Vianna: um encontro. É colunista do Jornal Sem Fronteiras: Literando no teatro e do Encontro marcado com a cultura BAND AM 1360. Canal no Youtube BarcellArtes



A humanização através das ARTES

A arte humaniza, e se ela humaniza, precisamos mais do que nunca, da sua utilização no meio educacional e mais ainda na sociedade de modo geral (SOARES, 2007, p.4)¹.

Há décadas, os educadores da área de Educação Artística têm lutado em prol do reconhecimento da devida importância desta disciplina na escola básica. Especificamente, a partir da década de 80, no período da revisão do Núcleo Comum dos Currículos, em 1986, secretários de Educação de todo o país propuseram a sua exclusão. Hoje, diversas

pesquisas já comprovaram o poder no acalento da dor, na cura... ao desenvolver-se alguma atividade artística: música, teatro, escultura, literatura...

Infelizmente, não há ainda plena conscientização da sociedade do caráter humanizador das Artes. Muitos ainda perguntam: para que serve arte plástica, música, teatro, dança, cinema...? A resposta mais comum é: ao prazer, ao lazer, ao deleite do espírito cuja interpretação mantém-se (muitas vezes) equivocada: de “coisa supérflua”, de luxo, de quem tem tempo (e dinheiro) para frequentar espaços culturais (teatros, cinemas e galerias). Urge o entendimento de dois aspectos: se proporciona PRAZER, gera bem-estar físico e psicológico; e há diversas atividades artísticas GRATUITAS. O indivíduo menos favorecido (inclusive) precisa entender que estas áreas podem e devem ser ESTUDADAS e EXPLORADAS também. Lutem pelo direito ao acesso à CULTURA!!!

Na área da música, este ano de 2018, o gênero musical **Bossa Nova** completa 60 anos. Com canções sobre temas amorosos ou sociais, voltados ao modo brasileiro de viver, teve entre seus principais representantes o compositor Antônio Carlos Jobim, e o maior intérprete e divulgador dela: João Gilberto. Por exemplo, ao ouvir **Garota de Ipanema** saber reconhecer a autoria de Vinícius de Moraes (letra) e Antonio Carlos Jobim (música). Vale destacar também em outro gênero: samba, Martinho da Vila. É ano de comemoração dos seus 80 anos. A Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro está propondo um concurso (poesia, paródia ou dissertação). Meus alunos do Colégio Estadual José Leite

Lopes (NAVE) e do Chico Anysio demonstraram interesse e participaram. Eles elaboraram paródia. Até eu fiz uma para incentivá-los intitulada **PROVAS**: “Já apliquei provas de diversas maneiras // em diferentes instituições e de variadas áreas // em dupla ou individual // online ou discursiva // simples ou complexas ...”. A partir dessa atividade, alguns alunos sentiram-se motivados a escrever poesias.

Assim, a atividade humana é essencialmente criadora. É necessário desenvolver as múltiplas habilidades e competências na área das Artes, principalmente. Com isso, cada educando terá oportunidade de expressar-se de forma autônoma (um dos preceitos da Educação para o século XXI). É fundamental a humanização nas escolas. Docentes e discentes não podem se restringir a um número (seja de matrícula seja de desempenho). É imprescindível nas relações o AFETO. Ele é a força motriz. Sem bons gestos e sentimentos, o homem terá falhado na sua maior missão: humanização. Isso distingui-o dos outros seres. Quando se compreender ser através do desenvolvimento do socioemocional que se atingirá a humanização, esta será responsável por uma sociedade mais justa e até pelo menor índice de violência. Enfim, é preciso realizar projetos utilizando as diversas formas de expressão das Artes, a fim de sensibilizar os alunos sobre a importância de OLHAR o outro – e VÊ-LO na sua essência e não superficialmente ou equivocadamente. Enfim, IMPORTAR-SE com ele (independente da cor e do credo).

PrimaVERando

Estou saindo do inverno
Do meu inferno
Do período de reclusão
De sofreguidão

De repente, as flores estão desabrochando
Com elas, o seu aroma...
Perfumando todo o meu ser
Embreagando-me
Entrando em minhas veias
Percorrendo-me toda!!!
Desnudando-me!!!
Transformando-me, completamente!!!

Agora, assim, em estado de êxtase,
De mansinho, está chegando você
Fitando-te, vi-me em ti
E, de imediato, pressenti
É ele!! É ele!!!

Motivando-me!!!
Encantando-me!!
Enciganando-me !!!
Desvendando-me!!!
PrimaVERando-me!!

Roberta Tostes Daniel

Poeta carioca. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas, tais como Mallarmagens, Zunái, Germina, Musa Rara, Diversos Afins, Estrago, Literatura & Fechadura, Incomunidade. Incluída nas antologias “Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco” (Quintal Edições/ Mulherio das Letras), “Desvio para o Vermelho” (CCSP), “Amar, verbo atemporal” (Rocco), entre outras. Seu primeiro livro, “Uma casa perto de um vulcão”, deve ser publicado ainda em 2018, pela Editora Patuá. Escreve no blog <http://sedemfrenteaoamar.com> e publica fotos em <http://instagram.com/robertatostesdaniel> E-mail: robertatostes@gmail.com



Ainda sobre o fogo

Nunca mais ousar fogo num poema.

Nunca mais deixar esse nó na garganta
me possuir

com a destreza dos que não têm tempo para
a delicadeza

– nunca mais perder a juventude por delica-
deza.

Desdizer a ordem das coisas que não aconte-
cerão mais.

Embalar a vácuo

a dor
na seladora doméstica
congelar a carne
prenha da dor
para que não sofra embolias
pela migração de um corpo estranho
um halo no círculo venoso
na concretude do sangue
que medra os algozes.

No entanto
qualquer forma ainda estacionária
da matéria
é matéria
qualquer ausência
é presença impotente
da ilicitude do silêncio
no momento reverso
da justiça.

Trazemos um punhado oco
nas mãos
da possível pedra
lapidar
tão delgada
anterior a tudo
vinda da lumieira dos tempos

magmática
quando o archote
untado de breu
era o meio seguro
de dizer alguma coisa
por entre as giestas
ou qualquer designação botânica
que se encarregasse
do respiro
na paragem
frente à beleza tênue
de arranhar os significantes.



Conduto

ROBERTA TOSTES DANIEL

Algo em mim
morre com o beijo da idade
sinto tremerem
até os ossos dos convivas

e não sei falar
ao períneo

e não sei lidar
com o tibiotarso

não sei se sou capaz
de ouvir esse rumor de avencas

que seguem governadas
por outras menos nobres folhagens

algo em mim
é o beijo.



Consumação

Não é possível retroceder
não há lugar no solstício

nós engendramos
caos e carnificina

uma revolução
no corpo social determina

trabalho árduo e instantâneo
de reorganização:

o fogo não é a revolução

o fogo é o anzol
o fogo não é a pobreza
o fogo é o Estado

as tantas propagações
de abandonos cíclicos

pelo que não fez o fogo
pelo que fez a história.



Distopia

Deixar meus olhos vagarem outra vez pela dureza dos espaços

ressentindo o tom aquiescido das potências vistas

mas sem se deixarem cegar pela memória que arquiteta

sem se deixarem obscurecer pelo compadecimento de terem sido já pensadas.

Deixar meus olhos vagarem por dispêndios os mais diversos.

Sobretudo deixar vagarem meus olhos pelas plataformas de petróleo

compadrios, rejeitos de minério, armas tóxicas, balas ‘perdi-

das'

como certezas incineradas de um futuro posto.

Deixar meus olhos vagarem pela matriz indignada do presente sórdido.



Silvio de Gracia

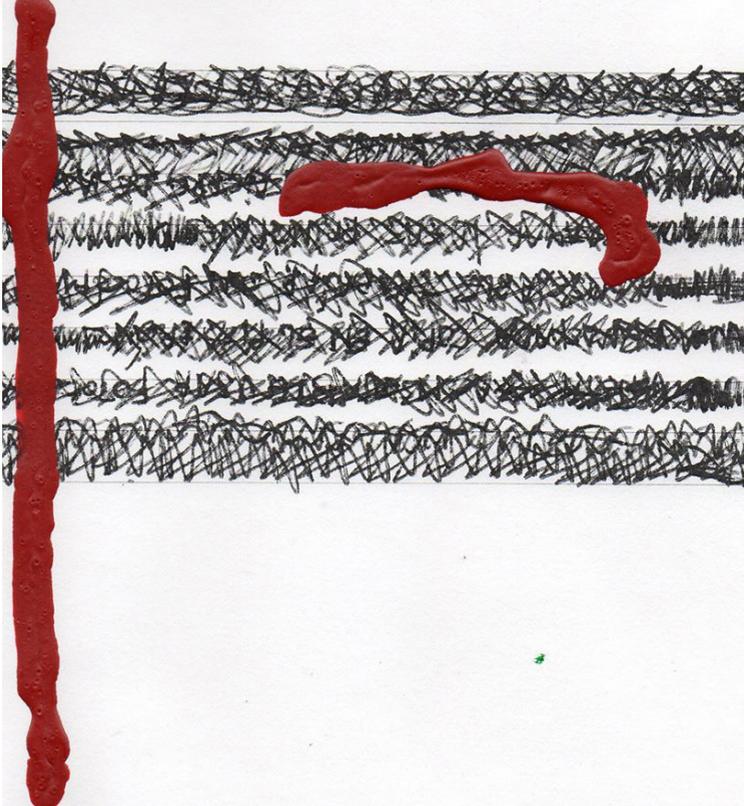


O escritor, artista visual e performer nasceu e vive em Junín (ARG). É professor de História, realiza curadorias independentes e coordena as ações culturais da Revista de Arte Postal e Poesía Visual Hotel DADA. Publicou os livros “*Internet y performance – Negociaciones entre cuerpo, virtualidad y telepresencia*” e “*La estética de la perturbación*”, entre outros. Entre otras exposiciones recientes, fue curador de Poesía Sin Margen – Muestra Latinoamericana de Poesía Visual no Museo de Arte Contemporáneo Argentino, Junín, Argentina, 2016. Participa regularmente de diversas exposições de Poesía Visual e festivais de Performances em diversos países.

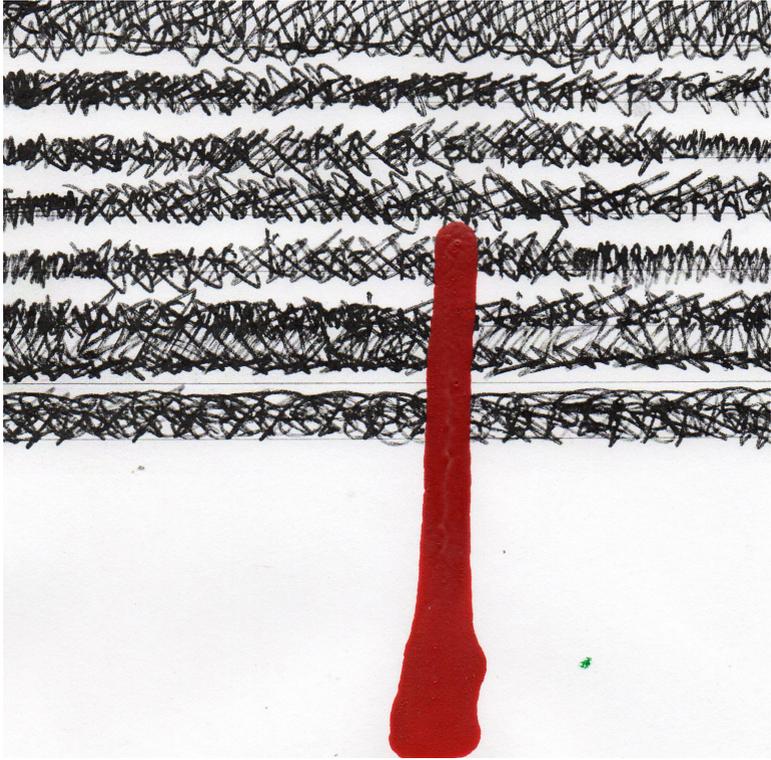
As duas imagens de Escrita Assêmica que o autor enviou p/ Alfarrábios “*se estructuran a partir de una exploración asémica, en la que se combinan grafismos y texturas elaboradas a partir de la aplicación de dripping de tinta de color rojo.*”

<http://silviodegracia.com.ar>

Composition 1



SILVIO DE GRACIA



Composition 2

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.

Vampirinho de Shangrilá

Anna Maria, Mariana, Maria Anna. O nome ninguém sabia direito, quanto mais o sobrenome. Morava para lá da terceira porteira das terras dos Molevade. Bem pra lá. Certeza só se tinha uma: Era pobre, porém, pura. Toda a família jurava, todos diziam. Imagina se não?

Cidade de interior. São João Moreira de Shangrilá. A plaquinha na estátua dizia: 'padre capuchinho português morto nas montanhas do Nepal por soldados chineses em 1952'.

Os beatos mais velhos rogavam pragas contra os 'amarelos', todos os dias e todas as noites, em ladainhas sem fim. Claro. Cidade católica apostólica romana, a mais não poder. Queriam o quê, que espumantes de raiva, esbravejassem contra os chineses, aos palavrões?

Todos os homens também eram puros – puros não, que isto por ali era coisa de invertidos, de duvidosos – honestos, corretos, beatos, por assim dizer, isto sim. O prefeito, por exemplo, era um santo homem, Dr. Luiz Santoza. Todos os vereadores, tanto os da família Santoza quanto os da família Molevade o eram, beatos todos.

Para encurtar a novela, ali eram filhos de Maria todos os políticos a partir de 1964, o ano da canonização de São João de Shangrilá, o

ALFARRÁBIOS IX

tal santo padroeiro.

Antes disso ninguém conta como eram ou o que eram as pessoas. Só se sabe que a cidade, antigamente, se chamara Portão do Desterro. Nome triste, medonho que, por conta de ser coisa do passado, ninguém ousava explicar de onde vinha. Com que então, se o passado de São João de Shangrilá era um completo mistério antes daí, cuidemos, pois, do futuro, que é coisa certa, que a Deus pertence.

O futuro é do Moço Bom, João Molevade Filho, que passeava por aí sem moto, sem carro e sem avião. Tinha isto tudo, mas não, curti a rua de todo mundo, como se diz: como mais um entre os que têm o pé no chão. O melhor amigo dele era quem? Maculeba, o artesão da praça, um negão hippie, sujo, imundo, um carvoeiro de madeixas rastafári, um mendigo inteligente, por assim dizer. Falava com todo mundo, o Moço Bom, fazia festa para os meninos e os cachorros. Gente fina, este filho do senador João Molevade, o fazendeirão do lugar.

Ultimamente andara sumido, meses a fio. Cochichava-se, mas ninguém falava coisa que se pudesse acreditar. Gente pura não especula para o mal.

_ ' Tá no Rio de Janeiro! '-

Diziam como única certeza vaga, porém, verdadeira. Voltou magrinho, de olhos fundos, esquisito como não sei o quê. Vestindo uma roupa preta, botas pretas, tudo preto. Tinha até umas riscas pretas, embaixo dos olhos, como rímel de mulher.

Todo mundo reparou, é claro, olhando de banda, a estranha reaparição do Moço Bom. Só as donzelas de Shangrilá falaram, condoídas. As mais afoitas afirmando, convictas:

_ ' Virou noites e noites, o coitadinho. Tentou de novo o vestibular!'

_ 'Vai ser médico '- suspirava a outra

'Médico não, Doutor! Diretor do Hospital!' – Enfatizava a mesma, delirante.

ALFARRÁBIOS IX

Magro. Diferente demais do Joãozinho Molevade de antigamente. Andava agora como um estrangeiro, sem falar com ninguém. Macambúzio, olhando para o chão ou para os lados, nunca para algum lugar. Procurando alguma coisa na própria cabeça. Maculeba, vivido, escolado, maldou logo de saída.

Certo dia, aquela (a quem, por falta de uma certeza, vamos chamar a partir de agora, de Marianinha) deu de emagrecer também, assim, a olhos vistos. As bochechas brilhosas sumiram. Ficaram só duas covas fundas, macabras, vazias como sepultura de desencarnado ressuscitado.

É por isto que ver os dois juntinhos, feito carne e unha, pra baixo e pra cima, pela rua afora, foi um pouco uma surpresa sim, mas, não tanta. Moço Bom com Moça Pura, afinal, é tudo que a sociedade de São João Shangrilá pode querer e merecer. É alvissareiro. É bonito. Serve para asseverar que a cidade também é pura.

Além do mais, isto de Moço Rico com Moça Pobre ser pecado mortal, já foi tempo. Isto foi na época do – cala-te boca – Portal do Desterro, naquele tempo em que o povo não sabia o seu lugar. Agora não. Nascendo bebê, a família da moça acoita. Não nascendo, melhor ainda porque, não haveria nenhum risco do Moço Rico ter que casar.

Mas não. Preocupação à toa. Não namoravam, não beijavam. Além das mãos dadas, os dois nem se tocavam. Andavam só, pra baixo e pra cima, dia e noite – principalmente noite – olhando para cá e para ali como doidinhos.

Duas caveiras ambulantes é o que pareciam. A mãe dela, o pai, as tias, todo mundo se remoendo. Puros que eram, conjecturavam, conjecturavam, mas, não entendiam nada. Seria alguma paixão destas de secar rio? Seria definhamento de amor? A juventude era mesmo de uma estupidez sem tamanho, concluíam.

O certo é que o apelido que Maculeba dera, naquele seu jeitão franco de ser, foi se espalhando, se espalhando, como fofoca num rastilho, até estourar um dia, na manchete do jornal 'A folha do Vale', o tablóide da cidade:

ALFARRABIOS IX

— 'Extra! Extra! Vampiros em Shangrilá!'

Maldade de Maculeba, se sentindo ignorado pelo amigo. Se o fossem, não passariam de vampirinhos lânguidos, românticos. Perigo nenhum. Imagina?

Quantos contos não inspirariam? Quantas redações de grupo escolar? Mentira grossa, claro, mas já se falava até numa minissérie na TV da capital, num filme francês, num best seller. Mas, não teve jeito. O caso, de rumoroso, se complicou e desembestou pela ladeira da tragédia abaixo.

Primeiro foram as galinhas, que apareceram murchas, só ossos e penas, como sacolas de plástico vazias, porém, andantes. Depois um cabrito e um porco da fazenda, também definharam sem morrer. O cachorro do dono da farmácia da praça, pronto, também. Uma fauna enorme de bichos magrelos, chupados feito laranjas, bagaços circulando por aí.

— 'É Chupa Cabras!' —

Gritou Maculeba, maldoso. Mas, como se os seres continuavam vivos e, com as veinhas cheias de sangue, intactos?

— 'Lobisomem!' —

Gritaram as tias da moça, desesperadas (Para elas, o Moço Bom já estava mesmo era passando da conta, cabendo mais na pele de um Coisa Ruim, de um Tinhoso)

Mas como, se os magrelinhos todos, bichos e gente, andavam no sol a pino, de dia, sem pelos nas ventas, sem dentes afiados, sem garras, sem nada de lobo, só a magreza de faminto aparecendo? Seria alguma doença, uma epidemia, talvez?

— 'Isto. Uma doença!

Dizia o dono da farmácia, olhando o fundo dos olhos do pobre do cachorro. Sim, mas, que doença seria esta, meu Deus?

Dez dias depois. O senador, pai do Moço, sumiu há dias. Saiu com

ALFARRÁBIOS IX

a camionete, intempestivamente.

_'Foi à capital! ' – Disse o capataz, apreensivo com alguma coisa que não quis dizer.

Antes dele partir, na casa estivera a mãe do moço, uma mulher de meia idade com cara de sirigaita, bruxa, com o cabelo pintado de louro e a boca esticada como o bico de uma pata, os olhos tão apertados pelas cirurgias que lembravam, imediatamente, os olhos dos tais chineses que mataram o pobre do padre João Moreira lá no alto do Nepal (a descrição maldosa, foi feita por Maculeba que odiava a madame mãe do Moço Bom, mas, em consideração ao amigo, se recusava dizer porque).

O capataz contou que ela revirou o quarto do garoto e achou o que já sabia: Umhas pílulas verdes que ele trouxera da cidade. Reviraram o quintal e acharam mais pílulas, espalhadas pelo chão, pelo cercado dos porcos, pela grama enfrente da casa, no fundo do açude.

Brigaram, aos berros, os dois. Depois choraram. O capataz os viu saindo na camionete, ainda com a noite alta, sumindo de Shangrilá. O capataz, por via das dúvidas, sumiu também. Além dele, só Maculeba, o mais esperto de todos, também partira. Lógico. Já disse. Maculeba maldara tudo, desde o início, estão pensando o quê?

Ontem as luzes da cidade ficaram acesas durante toda a noite. Hoje também. Já eram muitos, centenas de magrelinhos zumbis. Primeiro todos os jovens da cidade, cinzentos, com os rostos encovados, foram aparecendo, saindo de suas casas, de cada canto de Shangrilá, até das fazendas mais distantes. Foram se amontoando na praça, em torno do Moço Bom e da Moça Pura, líderes aparentes daquela esdrúxula seita dos vampirinhos de Shangrilá.

Os bichos magrelos em volta deles, a cacarejar, a balir, a latir e a grunhir. Uma sujeira enorme, de tudo que é dejetado, largado, esparado pelo chão. Os porcos, sem cerimônia, cercaram a estátua do coitado padre João Moreira, como se ela fosse um chiqueiro. Antes cagado só pelos pombos, o mártir ficou lá, embostalhado, mais mar-

ALFARRÁBIOS IX

tirizado e humilhado, do que o foi nas montanhas do Nepal.

Logo logo, a cidade inteira estava tomada por aquela mazela sem explicação. Pais, mães, tias, todos foram se tornando magros e cavernosos. Com a sabedoria das tias, da magreza, soube-se logo o motivo: É que, com a doença estranha, que a todos contaminara, ninguém comia, só perambulavam, atrás do Moço e da Moça, sa-be-se lá por que.

O mercadinho 'Que Barato' já não funcionava. Não se comprava mais nada. O primeiro jornalista que chegou de uma cidade próxima, para cobrir o estranho incidente, sóbrio, percebeu que todos procuravam por pílulas, mas, não entendeu muito bem do se tratava. É que as pílulas haviam sumido. Ninguém sabia quem tinha, uma delas se-quer, para vender.

Fanhão, o dono do mercadinho, tentou se aproveitar da situação e mudar de ramo. Quis entrar no negócio das pílulas, naquele em-preendedorismo afoito dos espertalhões. Deduziu de pronto, que o Moço Gente Boa, devia saber onde encontrar tão ansiada merca-doria. Ah! Como se arrependeu, amargamente.

Logo no dia seguinte apareceram aqueles caras mal encarados, vestidos de preto, vindos não se sabe de que lugar. Deram uma carraspana tão bem dada em Fanhão que ele sumiu no espaço, se escafedeu do lugar.

Nem o mercadinho ele fechou. A loja ficou lá escancarada, as gôndo-las cheias de ratos guinchando, únicas criaturas da cidade a quem as tais pílulas não interessaram, (ou não apeteceram, vai saber?).

O cheiro das mercadorias podres no mercadinho 'Que Barato' exala-va, assim, por toda a pracinha, sem ninguém se importar ou se dar conta. Até que um dia a camionete dos mal encarados, de repente, partiu da cidade, sem quê nem porquê. (Esta Maculeba não podia perder, mas, Deus – ou Jah – sabe o que faz. No final das contas, ver-emos quem acabou ganhando.)

Enlouquecido de anseios, fissurado, desesperado, o povo se esta-peava pelas ruas. Uns querendo porque querendo, uma poeirinha

ALFARRÁBIOS IX

que fosse, daquela maldita bolinha de felicidade. Daquela sanha foram saindo aos poucos, caindo num torpor de ex-bêbados na resaca. Do torpor, caíram num sono pesado, quase igual à morte.

Acordaram aos poucos, uns tontos, outros pasmos. Foi aí que os menos tontos se deram conta de tudo: Não existia mais São João Moreira de Shangrilá!

Os ratos e os mal encarados haviam destruído, levado tudo de roldão. Os últimos a despertar foram os jovens, que vagaram ainda, por horas a fio, olhando desolados para o que Shangrilá havia se transformado. Cidade chupada, sugada, com covas fundas na geografia, suja e cinzenta, igualzinho ficara a cara dos vampirinhos. Cidade zumbi.

A Moça Pura e o Moço Bom haviam desaparecido também, misteriosamente. Alguém achou que os viu na camionete, partindo com os mal encarados sabe-se lá para que lugar. Achar que viu, contudo, não é ter certeza. Só se sabe que se esvaíram, como esvaíram-se suas carnes, quando emagreceram. Evaporam. Nem vampiros agora eles eram mais.

Muito menos de Shangrilá. Anna Maria, Mariana, Maria Anna. O nome ninguém sabia direito, quanto mais o sobrenome. Morava para lá da terceira porteira das terras dos Molevade. Bem pra lá. Certeza só se tinha uma: Era pobre, porém, pura. Toda a família jurava, todos diziam. Imagina se não?

Cidade de interior. São João Moreira de Shangrilá. A plaquinha na estátua dizia: 'padre

capuchinho português morto nas montanhas do Nepal por soldados chineses em 1952 .

Os beatos mais velhos rogavam pragas contra os 'amarelos', todos os dias e todas as noites, em ladainhas sem fim. Claro. Cidade católica apostólica romana, a mais não poder. Queriam o quê, que espumantes de raiva, esbravejassem contra os chineses, aos palavrões?

ALFARRÁBIOS IX

Todos os homens também eram puros – puros não, que isto por ali era coisa de invertidos, de duvidosos – honestos, corretos, beatos, por assim dizer, isto sim. O prefeito, por exemplo, era um santo homem, Dr. Luiz Santoza. Todos os vereadores, tanto os da família Santoza quanto os da família Molevade o eram, beatos todos.

Para encurtar a novela, ali eram filhos de Maria todos os políticos a partir de 1964, o ano da canonização de São João de Shangrilá, o tal santo padroeiro.

Antes disso ninguém conta como eram ou o que eram as pessoas. Só se sabe que a cidade, antigamente, se chamara Portão do Desterro. Nome triste, medonho que, por conta de ser coisa do passado, ninguém ousava explicar de onde vinha. Com que então, se o passado de São João de Shangrilá era um completo mistério antes daí, cuidemos, pois, do futuro, que é coisa certa, que a Deus pertence.

O futuro é do Moço Bom, João Molevade Filho, que passeava por aí sem moto, sem carro e sem avião. Tinha isto tudo, mas não, curti a rua de todo mundo, como se diz: como mais um entre os que têm o pé no chão. O melhor amigo dele era quem? Maculeba, o artesão da praça, um negão hippie, sujo, imundo, um carvoeiro de madeixas rastafári, um mendigo inteligente, por assim dizer. Falava com todo mundo, o Moço Bom, fazia festa para os meninos e os cachorros. Gente fina, este filho do senador João Molevade, o fazendeirão do lugar.

Ultimamente andara sumido, meses a fio. Cochichava-se, mas ninguém falava coisa que se pudesse acreditar. Gente pura não especula para o mal.

_' Tá no Rio de Janeiro! '-

Diziam como única certeza vaga, porém, verdadeira. Voltou magrinho, de olhos fundos, esquisito como não sei o quê. Vestindo uma roupa preta, botas pretas, tudo preto. Tinha até umas riscas pretas, embaixo dos olhos, como rímel de mulher.

ALFARRÁBIOS IX

Todo mundo reparou, é claro, olhando de banda, a estranha reaparição do Moço Bom. Só as donzelas de Shangrilá falaram, condoídas. As mais afoitas afirmando, convictas:

– 'Virou noites e noites, o coitadinho. Tentou de novo o vestibular!'

– 'Vai ser médico' - suspirava a outra

'Médico não, Doutor! Diretor do Hospital!' – Enfatizava a mesma, delirante.

Magro. Diferente demais do Joãozinho Molevade de antigamente. Andava agora como um

estrangeiro, sem falar com ninguém. Macambúzio, olhando para o chão ou para os lados, nunca para algum lugar. Procurando alguma coisa na própria cabeça. Maculeba, vivido, escolado, maldou logo de saída.

Certo dia, aquela (a quem, por falta de uma certeza, vamos chamar a partir de agora, de

Marianinha) deu de emagrecer também, assim, a olhos vistos. As bochechas brilhosas sumiram. Ficaram só duas covas fundas, macabras, vazias como sepultura de desencarnado ressuscitado.

É por isto que ver os dois juntinhos, feito carne e unha, pra baixo e pra cima, pela rua afora, foi um pouco uma surpresa sim, mas, não tanta. Moço Bom com Moça Pura, afinal, é tudo que a sociedade de São João Shangrilá pode querer e merecer. É alvissareiro. É bonito. Serve para asseverar que a cidade também é pura.

Além do mais, isto de Moço Rico com Moça Pobre ser pecado mortal, já foi tempo. Isto foi na época do – cala-te boca – Portal do Desterro, naquele tempo em que o povo não sabia o seu lugar. Agora não. Nascendo bebê, a família da moça acoita. Não nascendo, melhor ainda porque, não haveria nenhum risco do Moço Rico ter que casar.

Mas não. Preocupação à toa. Não namoravam, não beijavam. Além das mãos dadas, os dois nem se tocavam. Andavam só, pra baixo e pra cima, dia e noite – principalmente noite – olhando para cá e

para ali como doidinhos.

Duas caveiras ambulantes é o que pareciam. A mãe dela, o pai, as tias, todo mundo se remoendo. Puros que eram, conjecturavam, conjecturavam, mas, não entendiam nada. Seria alguma paixão destas de secar rio? Seria definhamento de amor? A juventude era mesmo de uma estupidez sem tamanho, concluíam.

O certo é que o apelido que Maculeba dera, naquele seu jeitão franco de ser, foi se espalhando, se espalhando, como fofoca num rastilho, até estourar um dia, na manchete do jornal 'A folha do Vale', o tablóide da cidade:

_ 'Extra! Extra! Vampiros em Shangrilá!'

Maldade de Maculeba, se sentindo ignorado pelo amigo. Se o fossem, não passariam de vampirinhos lânguidos, românticos. Perigo nenhum. Imagina?

Quantos contos não inspirariam? Quantas redações de grupo escolar? Mentira grossa, claro, mas já se falava até numa minissérie na TV da capital, num filme francês, num best seller. Mas, não teve jeito. O caso, de rumoroso, se complicou e desembestou pela ladeira da tragédia abaixo.

Primeiro foram as galinhas, que apareceram murchas, só ossos e penas, como sacolas de plástico vazias, porém, andantes. Depois um cabrito e um porco da fazenda, também definharam sem morrer. O cachorro do dono da farmácia da praça, pronto, também. Uma fauna enorme de bichos magrelos, chupados feito laranjas, bagaços circulando por aí.

_ 'É Chupa Cabras!' -

Gritou Maculeba, maldoso. Mas, como se os seres continuavam vivos e, com as veinhas cheias de sangue, intactos?

_ ' Lobisomem!' -

Gritaram as tias da moça, desesperadas (Para elas, o Moço Bom já estava mesmo era passando da conta, cabendo mais na pele de um

ALFARRÁBIOS IX

Coisa Ruim, de um Tinhoso)

Mas como, se os magrelinhos todos, bichos e gente, andavam no sol a pino, de dia, sem pelos nas ventas, sem dentes afiados, sem garras, sem nada de lobo, só a magreza de faminto aparecendo? Seria alguma doença, uma epidemia, talvez?

_'Isto. Uma doença! –

Dizia o dono da farmácia, olhando o fundo dos olhos do pobre do cachorro. Sim, mas, que doença seria esta, meu Deus?

Dez dias depois. O senador, pai do Moço, sumiu há dias. Saiu com a camionete, intempestivamente.

_'Foi à capital! ' – Disse o capataz, apreensivo com alguma coisa que não quis dizer.

Antes dele partir, na casa estivera a mãe do moço, uma mulher de meia idade com cara de sirigaita, bruxa, com o cabelo pintado de louro e a boca esticada como o bico de uma pata, os olhos tão apertados pelas cirurgias que lembravam, imediatamente, os olhos dos tais chineses que mataram o pobre do padre João Moreira lá no alto do Nepal (a descrição maldosa, foi feita por Maculeba que odiava a madame mãe do Moço Bom, mas, em consideração ao amigo, se recusava dizer porque).

O capataz contou que ela revirou o quarto do garoto e achou o que já sabia: Umhas pílulas verdes que ele trouxera da cidade. Reviraram o quintal e acharam mais pílulas, espalhadas pelo chão, pelo cercado dos porcos, pela grama enfrente da casa, no fundo do açude.

Brigaram, aos berros, os dois. Depois choraram. O capataz os viu saindo na camionete, ainda com a noite alta, sumindo de Shangrilá. O capataz, por via das dúvidas, sumiu também. Além dele, só Maculeba, o mais esperto de todos, também partira. Lógico. Já disse. Maculeba maldara tudo, desde o início, estão pensando o quê?

Ontem as luzes da cidade ficaram acesas durante toda a noite. Hoje também. Já eram muitos, centenas de magrelinhos zumbis. Primeiro

ALFARRÁBIOS IX

todos os jovens da cidade, cinzentos, com os rostos encovados, foram aparecendo, saindo de suas casas, de cada canto de Shangrilá, até das fazendas mais distantes. Foram se amontoando na praça, em torno do Moço Bom e da Moça Pura, líderes aparentes daquela esdrúxula seita dos vampirinhos de Shangrilá.

Os bichos magrelos em volta deles, a cacarejar, a balir, a latir e a grunhir. Uma sujeira enorme, de tudo que é dejetado, largado, esparado pelo chão. Os porcos, sem cerimônia, cercaram a estátua do coitado padre João Moreira, como se ela fosse um chiqueiro. Antes cagado só pelos pombos, o mártir ficou lá, embostalhado, mais martirizado e humilhado, do que o foi nas montanhas do Nepal.

Logo logo, a cidade inteira estava tomada por aquela mazela sem explicação. Pais, mães, tias, todos foram se tornando magros e caveranosos. Com a sabedoria das tias, da magreza, soube-se logo o motivo: É que, com a doença estranha, que a todos contaminara, ninguém comia, só perambulavam, atrás do Moço e da Moça, sabe-se lá por que.

O mercadinho 'Que Barato' já não funcionava. Não se comprava mais nada. O primeiro jornalista que chegou de uma cidade próxima, para cobrir o estranho incidente, sóbrio, percebeu que todos procuravam por pílulas, mas, não entendeu muito bem do se tratava. É que as pílulas haviam sumido. Ninguém sabia quem tinha, uma delas sequer, para vender.

Fanhão, o dono do mercadinho, tentou se aproveitar da situação e mudar de ramo. Quis entrar no negócio das pílulas, naquele empreendedorismo afoito dos espertalhões. Deduziu de pronto, que o Moço Gente Boa, devia saber onde encontrar tão ansiada mercadoria. Ah! Como se arrependeu, amargamente.

Logo no dia seguinte apareceram aqueles caras mal encarados, vestidos de preto, vindos não se sabe de que lugar. Deram uma carraspana tão bem dada em Fanhão que ele sumiu no espaço, se escafedeu do lugar.

Nem o mercadinho ele fechou. A loja ficou lá escancarada, as gôndo-

ALFARRABIOS IX

las cheias de ratos guinchando, únicas criaturas da cidade a quem as tais pílulas não interessaram, (ou não apeteram, vai saber?).

O cheiro das mercadorias podres no mercadinho 'Que Barato' exalava, assim, por toda a pracinha, sem ninguém se importar ou se dar conta. Até que um dia a camionete dos mal encarados, de repente, partiu da cidade, sem quê nem porquê. (Esta Maculeba não podia perder, mas, Deus – ou Jah – sabe o que faz. No final das contas, veremos quem acabou ganhando.)

Enlouquecido de anseios, fissurado, desesperado, o povo se estapeava pelas ruas. Uns querendo porque querendo, uma poeirinha que fosse, daquela maldita bolinha de felicidade. Daquela sanha foram saindo aos poucos, caindo num torpor de ex-bêbados na resaca. Do torpor, caíram num sono pesado, quase igual à morte.

Acordaram aos poucos, uns tontos, outros pasmos. Foi aí que os menos tontos se deram conta de tudo: Não existia mais São João Moreira de Shangrilá!

Os ratos e os mal encarados haviam destruído, levado tudo de roldão. Os últimos a despertar foram os jovens, que vagaram ainda, por horas a fio, olhando desolados para o que Shangrilá havia se transformado. Cidade chupada, sugada, com covas fundas na geografia, suja e cinzenta, igualzinho ficara a cara dos vampirinhos. Cidade zumbi.

A Moça Pura e o Moço Bom haviam desaparecido também, misteriosamente. Alguém achou que os viu na camionete, partindo com os mal encarados sabe-se lá para que lugar. Achar que viu, contudo, não é ter certeza. Só se sabe que se esvaíram, como esvaíram-se suas carnes, quando emagreceram. Evaporaram. Nem vampiros agora eles eram mais.

Muito menos de Shangrilá.

No outro dia o pai do Moço Bom voltou á cidade. Trouxe o resultado da investigação sobre a origem das pílulas. Elas vinham de uma fábrica enorme, na capital. Estão sendo distribuídas por todo o país. Começam pelas grandes cidades, dando as pílulas para uns, que

ALFARRÁBIOS IX

vão dando para os outros, até que todos, inebriados, dependendo delas para sobreviver, abrem mão de tudo, até mesmo ou quase, da própria vida. Os donos da fábrica são figuras notórias, mas, ninguém ousa proferir seus nomes. Não são Santoza nem Molevade, pelo menos é isto que se pode dizer. Os Santoza e os Molevade—relembrem — são todos... puros.

Como o nome Marianinha, o nome real da tal pílula também ninguém sabia. Se alguém descobriu, decidiu também omitir. Podemos dar-lhe qualquer nome então. Vamos chamá-la de Pílula Verde da Felicidade Geral da Nação: Pivefegena

Da cidade vizinha já chegam alguns rumores sobre a chegada de vampirinhos, mas, o povo de Shangrilá, irrecuperável, não vai alertar os vizinhos sobre o que virá depois. Afinal, o que virá depois eles também querem: Bolinhas da felicidade. Pivefegena.

A cidade vizinha é a minha. Rezem por mim. A me valer, talvez, só mesmo Deus ou, quem sabe, o bondoso e valoroso São João Moreira de Shangrilá!

No outro dia o pai do Moço Bom voltou á cidade. Trouxe o resultado da investigação sobre a origem das pílulas. Elas vinham de uma fábrica enorme, na capital. Estão sendo distribuídas por todo o país. Começam pelas grandes cidades, dando as pílulas para uns, que vão dando para os outros, até que todos, inebriados, dependendo delas para sobreviver, abrem mão de tudo, até mesmo ou quase, da própria vida. Os donos da fábrica são figuras notórias, mas, ninguém ousa proferir seus nomes. Não são Santoza nem Molevade, pelo menos é isto que se pode dizer. Os Santoza e os Molevade—relembrem — são todos... puros.

Como o nome Marianinha, o nome real da tal pílula também ninguém sabia. Se alguém descobriu, decidiu também omitir. Podemos dar-lhe qualquer nome então. Vamos chamá-la de Pílula Verde da Felicidade Geral da Nação: Pivefegena

Da cidade vizinha já chegam alguns rumores sobre a chegada de vampirinhos, mas, o povo de Shangrilá, irrecuperável, não vai alertar

ALFARRÁBIOS IX

os vizinhos sobre o que virá depois. Afinal, o que virá depois eles também querem: Bolinhas da felicidade. Pivefegena.

A cidade vizinha é a minha. Rezem por mim. A me valer, talvez, só mesmo Deus ou, quem sabe, o bondoso e valoroso São João Moreira de Shangrilá!



Tânia Ribeiro Roxo

Natalício em Porto Alegre

Naquela noite gélida

Eles brindavam

Na vidraça da sala

Gotinhas da chuva ornamentavam a janela

Mais um ano juntos

Era festa

Com sabor de castanhas e vinho tinto

A música os transportava

Inebriava as mentes

Ampliava os sentidos

O casal exalava euforia

Algo puro

Rolavam no tapete dando risadas

Flores, chocolates e fotografias no chão

Velas perfumadas

O cenário perfeito

Confissões de amor

Promessas

Selando aquela união feliz



A Menina

Cabelos cacheados brincam ao vento

No balanço a menina sorri

Olhinhos curiosos

Observam o céu

Flocos de algodão

De todas as formas e tamanhos

A menina quer voar
E brincar com as nuvens

Milho verde, amendoim,
Pipoca, maçã do amor,
Água de coco, chocolate,
Sorvete de casquinha

Sentada à beira do chafariz
Gotinhas de chuva fina a refrescam

Flores despetaladas enfeitam a grama
Verdinha e macia

A menina patina, cai, brinca e dança
E recomeça tudo outra vez



Balé

Fita colorida que enfeita os cabelos
Cores misturadas se torcem e se enlaçam

ALFARRÁBIOS IX

Trançam no pano uma na outra

Nó que desata

Laço que dá graça

Rosto de menina

Um ar de bailarina

Emoldurando teu olhar triste



ALFARRÁBIOS IX

Nasceu em Niterói, é jornalista, poeta e apaixonada por fotografia. Seu livro de poesias, intitulado *Sopro*, foi lançado em julho de 2017, pela Editora Autografia. A obra reúne 25 fotos e 24 poemas.

Em 1992, participou do 1º ENCONTRO DE POETAS DA CIDADE, na Faculdade de Educação da UFF - Universidade Federal Fluminense.

Desde agosto de 2016 organiza eventos literários em Niterói, através do projeto *Literatura na Varanda*. Os encontros são trimestrais e se dividem em rodas de conversas, recital de poesias e música ao vivo.

Foi premiada na categoria Poesia, no II Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói), alcançando o 3º lugar com a obra *SEDE DE ANIL*, em outubro de 2016.

Teve o poema *ATO DE DESESPERO* incluído na antologia *GRITOS CONTIDOS*, promovida pelo Prêmio Coruja Escritora, em fevereiro de 2017.

Em setembro de 2017, participou da XVIII Bienal do Livro, o maior evento literário do país, nos dias: 03 (lançamento do livro *Sopro*) e 09 (debate na mesa: *Poesia em toda Parte*).

Colaborou com a revista virtual da Academia Niteroiense de Letras (A.N.L.), na seção *Pensarte*, ano 11 – nº 4 - out./nov./dez. de 2017. Site: <http://www.academianiteroiense.org.br>

Em outubro de 2017, teve a obra *FAMÍLIA-VIDA* selecionada em 7º lugar no III Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói).

Foi classificada em 2º lugar no IV Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói), com o poema *CALÇADA*, em setembro de 2018.

O poema *O BÁU DE VIRGINIA* foi selecionado no I Concurso Diário da Poesia, em 2018.



Tchello d'Barros

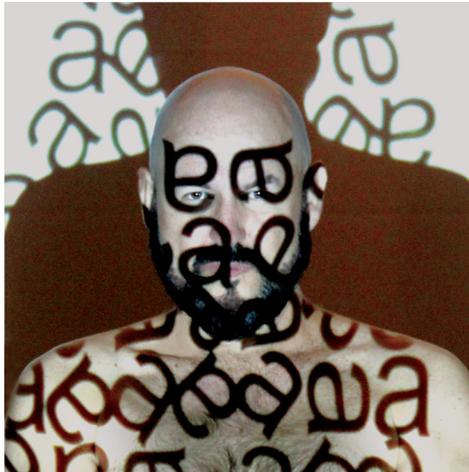
Neste 2018 o artista multimídia comemora seu jubileu de pra-ta de dedicação à Arte e à Cultura. Desde 1.993 que sua traje-tória nas linguagens de Literatura, Artes Cênicas, Artes Visuais e Audiovisual vem sendo pontuada por textos publicados em mais de 50 livros e obras visuais que participaram em cerca de 150 exposições no Brasil e Exterior. Já no segmento da sétima arte, são cerca de 50 contribuições na condição de roteirista, diretor e fotógrafo de stil. Além de coordenar a exposição individual. itinerante e retrospectiva de Poesia Visual “Conver-gências”, tem apresentado em diversas instituições sessões com seus filmes, além de ministrar oficinas literárias.

Tchello d'Barros

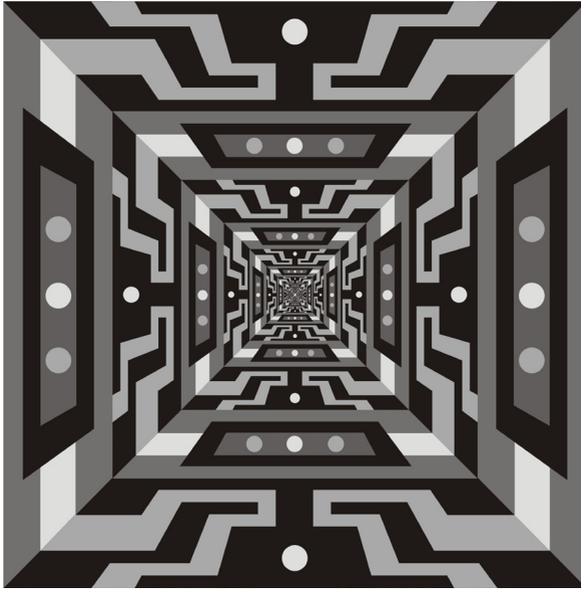
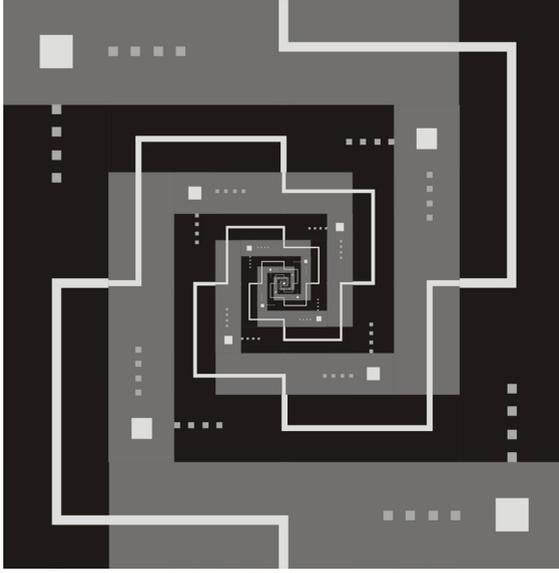
tchellodbarros@yahoo.com.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros
Rio de Janeiro (RJ) Brasil

Foto de Cacau Fernandes

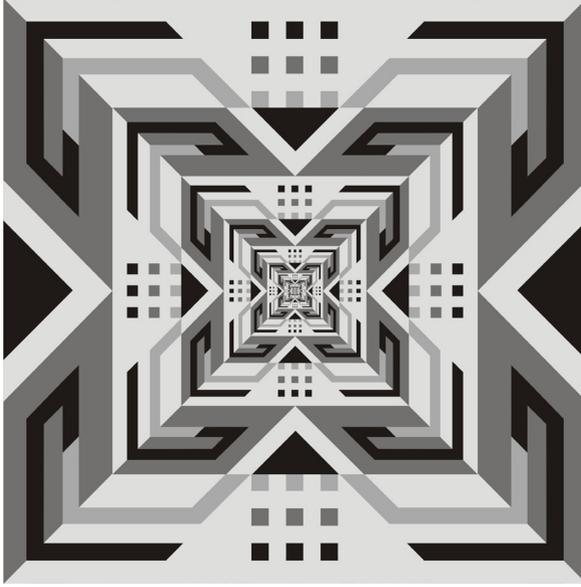


Arquitectura Fractal 1

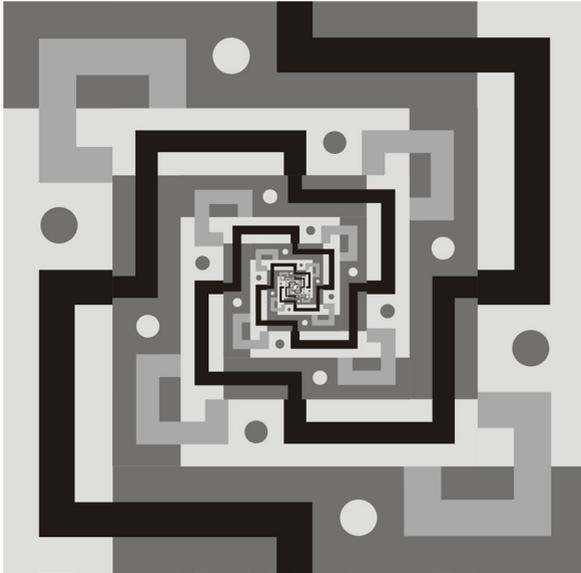


Arquitectura Fractal 2

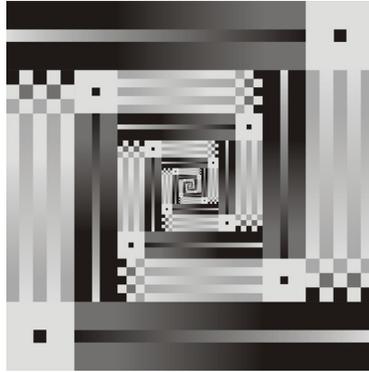
Arquitetura Fractal 3



Arquitetura Fractal 4



Arquitetura Fractal 5



Conceito da série “Arquitetura Fractal”

A série de desenhos e gravuras digitais “Arquitetura Fractal” constitui uma pesquisa imagética que Tchello d’Barros vem desenvolvendo há cerca de uma década, a partir de elementos gráficos presentes em diversas manifestações estéticas no cotidiano, como elementos da arquitetura antiga do litoral brasileiro. As referências são abstraídas e diagramadas numa visada fractal e concêntrica com estruturas que dialogam com o Construtivismo, o Concretismo, o Minimalismo e a tradição da geometria formal abstrata.

De acordo com o crítico e curador Cleomar Rocha (MT), “A ludicidade da organização de grafos e cromos – formas e cores – oscila entre a regularidade geométrica e a vibração cromática, buscando acentuar o contraste, o detalhe, a tensão que lastreia o olho do observador, buscando ali referências emergidas do abstrato, consolidadas na concretude mnemônica dos jogos ópticos, das tramas visuais, do espaço que foge e se redimensiona.”

Título da série: Arquitetura Fractal

Autor: Tchello d’Barros

Técnica: Gravura digital

Dimensões: 100 x 100 cm

Winter Bastos

Autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Editora Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011), tendo seu texto incluído em antologia publicada pela Ed. Niterói Livros; menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013), resultando na publicação de seu conto em antologia publicada pela EdUFF; 1º lugar (em 2016) e 2º lugar (em 2017) no Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror (2018). Faz o fanzine O Berro (oberrofanzine@gmail.com – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971). Mantém o blogue Expressão Liberta (www.expressaoliberta.blogspot.com.br). Tem coluna no tabloide cultural Diário da Poesia. Escreve na revista Contra Legem e no jornal político-cultural Transversus. Publica críticas literárias mensalmente na página eletrônica Homo Literatus (<https://homoliteratus.com/>).

Sobre Germinal: uns toques históricos e apreciações estéticas

Em 1885, o francês Émile Zola (1840-1902) lançou o romance naturalista *Germinal*, depois de um esforço gigantesco para sua elaboração. A obra relata a realidade duma fração específica da classe trabalhadora francesa: aquela que se sujeita a atividade da mineração.

Como base para escrever seu livro, o escritor não se satisfaz apenas com a busca de documentos sobre a realidade dos mineiros. A isso, ele acrescentou uma árdua pesquisa de campo que consistiu em ir – ele próprio – passar meses entre operários de minas francesas. Morou em cortiços, desceu ao fundo dos poços onde vislumbrou diretamente o trabalho naquela realidade insalubre. Também bebeu cerveja e genebra em botequins, convivendo com mulheres e homens muito distantes dos ambientes acadêmicos e da atmosfera literária burguesa.

A essa vivência dentro do meio que buscava retratar, Zola uniu um trabalho de pesquisa teórica. Daí submeteu toda essa matéria-prima a uma minuciosa elaboração literária – portanto também imaginativa.

Assim nasceu a saga de Etienne (o desempregado tornado mineiro e, em seguida, líder grevista), de Boa-Morte (o operário com pulmões enegrecidos, que pena cinquenta anos nas minas, sempre escapando de mortes violentas) e da franzina Catherine, que enfrenta a rigidez das rochas (e do assédio masculino) no trabalho, mesmo ainda impúbere.

WINTER BASTOS Em *Germinal* não se falseia o cotidiano do povo, idealizando-o. Apesar do caráter social da obra, nela não se canonizam os proletários nem se demonizam os patrões. Mas é claro, também, que Zola não poderia relativizar em demasia esse confronto de interesses, sugerindo que ambas as classes têm o mesmo quinhão de alegrias e sofrimentos, pois isso seria mascarar a realidade. E a realidade é que a classe trabalhadora

das minas sofre muito, mas muito mesmo. E os romancistas de qualidade não podem desviar seu olhar de nenhum aspecto da existência, seja alegre ou triste.

Realmente Zola mostra a que veio, diferindo totalmente de literatices açucaradas, românticoides, piegas; abre espaço para a vida humana real, também com suas dores e misérias. Porém, mesmo com tantos méritos, o livro se deixa levar por algumas visões rasas e estigmas comumente difundidos na sociedade por ignorância ou má-fé. Nesse aspecto, o que mais salta aos olhos é o fato de o grande romancista francês ter feito uma abordagem tão estereotipada do Anarquismo através do personagem Suvarin.

A profissão de fé desse personagem (a crença numa destruição completa que trouxesse alguma remissão para os seres humanos) não é pregada pelo Anarquismo, que é, aliás, um ideário profundamente antidogmático.

É fato que, tratando-se duma obra literária, o autor não fica escravo de uma representação da realidade e, portanto, em tese, não se obrigaria a mostrar a verdade histórica. Mas deve-se considerar o seguinte: não estamos diante dum romance de Fantasia, Ficção Científica ou Realismo Fantástico, estamos – isto sim – num campo muitíssimo distantes dessas estéticas. Aí é que reside o principal problema: a falha estrutural da narrativa em relação a proposta realista/naturalista escolhida pelo escritor nesse livro.

É extremamente problemático que o personagem Suvarin faça referências elogiosas a uma figura histórica real: o

revolucionário russo Mikhail Aleksandrovich Bakunin (1814-1876), sendo que as ideias deste em nada se parecem com as do personagem de Zola.

Bakunin era era entusiasta da Associação Internacional dos Trabalhadores (fundada em 1864), ao contrário de Suvarin, que a chamava de “bobagem”. Era coletivista e federalista, por isso defendeu na AIT que seus núcleos regionais fossem autônomos e não submetidos à autoridade de algum comitê central. Sempre propugnou que a Internacional fosse uma organização social e não política, e que dentro dela houvesse espaço para diferentes pensamentos filosóficos, religiosos ou políticos. Acabou expulso justamente por isso, já que havia quem quisesse transformar a AIT numa mera correia de transmissão de interesses partidários, notadamente Karl Marx (1818-1883) e seus seguidores no seio da organização.

As práticas e discursos de Suvarin, menosprezando a autonomia do povo e até nutrindo-lhe ódio, contradizem completamente o real pensamento bakuniniano. Não se sabe exatamente o que levou Zola a esse equívoco histórico, mas a associação que se faz entre Anarquismo e terrorismo geralmente se baseia na falsa idéia de que Bakunin teria escrito junto com Sergei Nechaiev, em 1869, um “Catecismo Revolucionário” onde se pregava que os fins justificam os meios. Porém esse texto chamado Regras nas quais Deve se Inspirar o Revolucionário (erradamente conhecido como “Catecismo Revolucionário”) foi escrito individualmente por Nechaiev, que não era anarquista. Bakunin escreveu, isto sim,

um livreto chamado Catecismo Revolucionário em 1865 onde dizia que: “Sem nenhuma espoliação, mas pelos esforços e forças econômicas das associações operárias, o capital e os instrumentos de trabalho se tornarão propriedade dos que os utilizarem para a produção de riquezas pelo seu próprio trabalho”. E pregava: “Abolição absoluta de todas as penas degradantes e cruéis, das punições corporais e da pena de morte (...), de todas as penas por tempo indeterminado ou muito longo que não deixem nenhuma esperança, nenhuma possibilidade real de reabilitação...”. Já o “Catecismo” do autoritário Nechaiev – duramente criticado por Bakunin – pregava abertamente o assassinato. Em carta de Bakunin a Nechaiev (Locarno, 2 de julho de 1870) lemos: “... seu principal, seu imenso erro é estar seduzido pelo sistema de Loyola e de Machiavel; o primeiro se propunha a reduzir à escravidão toda a humanidade e o outro a criar um Estado forte reforçando a submissão do povo”.

Émile Zola não foi o único escritor a reproduzir falaciosos lugares-comuns acerca de práticas de alguma forma ligadas ao Anarquismo. Ernest Hemingway (1899-1961) também veio a fazer algo parecido no romance *Por Quem os Sinos Dobram*, ao caracterizar como bêbados os integrantes das milícias libertárias que combatiam o Fascismo na Espanha revolucionária entre 1936 e 39. Bons romancistas, como se vê, também podem se deixar levar por preconceitos sociais.

No caso específico de *Germinal*, as impropriedades se resumem ao inverossímil Suvarin. A personagem Catherine,

por exemplo, está perfeita. Ela seria uma espécie de “mocinha da trama”, mas hiper-real, palpável, sem idealizações. Com sua sexualidade imatura e animalizada ela se constitui num contraponto riquíssimo às virgens diáfanas do Romantismo. A personagem “filha do Mouque” também se distancia de estereótipos, pois sua prática sexual intensa, com variados parceiros, não é mostrada como contraditória em relação à solidariedade de classe e ao altruísmo, que ela demonstra ao longo do livro.

As descrições são bastante competentes. Vemos claustrofóbicas galerias das minas de carvão, vagonetes precários, casebres insalubres, tascas sórdidas, ruelas esburacadas e todo um meio operário de privações e sofrimentos. Daí saltamos, em outros capítulos, para uma atmosfera de luxo em que vivem os proprietários das minas. Do contraste entre as duas realidades, vem à mente do leitor a consciência das injustiças do sistema capitalista, mas sem que isso se dê dum modo panfletário ou antinatural. O romance levanta as questões sociais, deixando que os receptores dessa obra de arte (re) elaborem livremente seus conceitos acerca das desigualdades do mundo. E tudo isso se dá sem didatismos e – na maior parte das vezes – sem estereótipos.

‘Notas de fim’

1 SOARES; Alexsandro Rosa. **A Importância da Arte para a Socialização**. Revista Ibero Americana. Disponível em: <http://www.rieoei.org/opinion42.htm>

ALFARRÁBIOS IX